



CADERNOS DE EDUCAÇÃO
POPULAR **11**

**Agora o mundo não
é só o nosso lugar**

GUSTAVO LYRA



NOVA

Os textos do NOVA, publicados nos *Cadernos de Educação Popular*, em co-edição com Editora Vozes Ltda., são patrocinados pela Agência de Cooperação *Brot für die Welt* (Pão para o Mundo).

AGORA O MUNDO NÃO É SÓ O NOSSO LUGAR

Gustavo Lyra



Petrópolis

Editora Vozes Ltda.

em co-edição com

NOVA — Pesquisa, Assessoramento
e Avaliação em Educação

1987

Nota introdutória

O texto deste Caderno é o depoimento de Gustavo Lyra acerca da sua vivência, durante 10 anos, num trabalho com camponeses ligados ao "Movimento do Dia do Senhor", no Ceará. Este depoimento, obtido através de várias horas de gravação, foi montado e revisto por Pedro Garcia e Regina Rocha. Este trabalho consistiu em retirar do texto partes redundantes, juntar temas similares dispersos no depoimento e ligá-los, dando nexos a esta junção, cortar expressões repetitivas típicas da fala oral — enfim, enxugar o texto. Entre adaptar o escrito às regras estritas da norma culta ou conservá-lo no tom coloquial, preferimos esta última opção. Trata-se de um texto falado.

Cabe dizer que o uso do pronome *nós*, nesta narrativa, é uma referência do autor à sua companheira "de trabalho e de vivência" e não uma preferência pelo plural majestático (é o caso, por exemplo, de "quando nós chegamos").

No final fiz um glossário de palavras típicas da região do "Movimento". As palavras do glossário foram extraídas do próprio depoimento de Gustavo.

Entre ser apresentado ou apresentar-se o autor preferiu esta última forma — é o que se segue a esta Nota.

A riqueza deste relato se funda no fato de que os conceitos aqui tratados foram extraídos da prática direta de trabalho, privilegiando a percepção do camponês. Assim, noções tão conhecidas como *autonomia*, ou inventadas, como *entramelamento*, são entendidas de conformidade com a inserção das pessoas (camponeses e agentes) no universo do "Movimento".

Pedro Garcia

Apresentação do Autor

Nasci em Ilhéus (no Estado da Bahia). O contato com a fazenda, o olhar malemolente do boi, o escutar o som do cavalo mastigando a mandioca, Virólio, meu herói popular, marinheiro aposentado, encaçado, sempre na beira do cais... Essas são as imagens de Ilhéus que povoam meu ser.

Na adolescência, em Salvador, o primeiro grito de autonomia com a fundação de um clube com o seu regulamento próprio. Grito de autonomia também presente no assistir a capoeira como defesa à repressão policial.

Freqüentando um colégio do Oeste de Minas, que na época abrigava estudantes de quase todo o país, o despertar para a importância das diferenças regionais. Nessa época, contato e participação no Teatro Estudantil constituem uma vivência enriquecedora.

Belo Horizonte, para mim, apenas uma passagem.

No Rio de Janeiro me formei em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, durante 4 anos, fui professor no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Na

Lapa com seus cabarés, "Brasil Dourado", no Morro do Vidigal, nos amigos, o questionamento e aprofundamento do meu entendimento da existência.

Em Viana, Baixada Maranhense, cidade amazônica, seis meses alagada, o primeiro contato com Educação Popular. E o aprendizado de um novo conceito de tempo. O tempo do rio.

Sobral. Dez anos de trabalho com pescadores e lavradores. Considero a minha verdadeira escola. Esse Caderno é a síntese dessa minha vivência. A ligação com Sobral permanece e continuo acompanhando outros trabalhos de Educação Popular.

Hoje moro temporariamente em Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

Gostaria de receber sugestões e opiniões sobre o texto que se segue (Caixa Postal 97389 — Nova Friburgo — RJ — CEP 28601).

Agradeço a Pedro Garcia e Regina Rocha que me ajudaram na montagem e revisão deste depoimento. A Lidia Morsoletto que viveu comigo a experiência de Sobral e me acompanha na vivência do cotidiano.

O meu muito obrigado ao pessoal do Movimento e a todos os amigos íntimos.

A meu amigo Manuel Tiago, camponês já falecido que disse: "Vamos lutar sem perder a fé e o amor".

E a meu amigo Benedito Tonho, assassinado aos 25 anos em conflito de terra, que dizia: "O homem deve exercer seus dons". Isso não lhe foi possível porque lhe tiraram a vida cedo demais.

Gustavo Lyra

AGORA O MUNDO NÃO É SÓ O NOSSO LUGAR

O que eu estou refletindo mais neste momento é o seguinte: 1º é ainda sobre o Movimento. A mesma pergunta já tão debatida: O que é mesmo o Movimento? A resposta depende de cada um de nós, de que jeito achamos que é o Movimento. O que é que a gente entende por Movimento.

Antonio Pires
Folhinha Evangelho e Vida, n. 43, de
19 de setembro de 1982

Quando nós chegamos no Movimento, em Sobral, no ano de 1976, esse trabalho tinha mais ou menos 11 anos. A Diocese de Sobral abrangia 18 municípios, sendo que o Movimento atingia — embora de forma

irregular — a Zona rural desses municípios. Criado por iniciativa do Padre Albany Linhares, o Movimento foi o primeiro trabalho pastoral da Diocese. Anos depois é que surgiram a catequese, círculo bíblico, pastoral da juventude e outros... Então, quando nós chegamos, já encontramos o Movimento estruturado com as noções

A autonomia como base do trabalho

que norteavam esse trabalho. A principal delas era a de autonomia. Na época as pessoas envolvidas tinham a autonomia como base do trabalho.

Na minha visão, analisando os acontecimentos, acho que esta noção estava muito ligada a acontecimentos anteriores a 64. Basicamente aos fracassos dos movimentos populares, inclusive os ligados à Igreja e aos partidos políticos. A frustração pós 64 estava muito associada ao processo populista de condução das massas pelos partidos, grupos e pelo próprio Estado; o povo sendo massa de manobra de todo esse processo, personagem da cena e não ator principal. De todo esse pro-

cesso vivido ficou a idéia de que só um trabalho de base, conduzido e assumido pelos populares, seria a garantia de uma real transformação.

O Movimento nasce nessa época, em 65/66, num período de revisão e crítica aos métodos populistas. A noção de autonomia, que norteava o trabalho, baseava-se na preocupação do agente de classe média em não dominar o processo educativo e na valorização do povo: seus costumes, pensamentos, sua linguagem, suas ações, para que ele assumisse enfim o processo de transformação social.

Ao contrário do período anterior a 64, os agentes que atuavam no meio popular, em Sobral, explicitavam com bastante nitidez a diferenciação de classe que os separava dos populares, donde o argumento de que os populares que viviam, sentiam e, portanto, conheciam a realidade, poderiam decidir sobre o trabalho. A interferência dos agentes se dava no sentido de criar um espaço de liberdade onde os populares pudessem se desenvolver. Nunca levar uma proposta acabada mas ajudá-los a decidir sobre as suas questões. O Movimento surgiu dentro desse espírito: os populares é que decidiam se fundavam, ou não, comunidades. Eram eles que escolhiam os dirigentes e marcavam as reuniões.

Mas aí tem uma coisa interessante. Como os camponeses não tinham nenhum espaço de participação, nem em sindicato, nem em partido, nada, como não tinham o hábito de se reunir, não falavam. Então havia uma preocupação em reunir esse pessoal para ver se eles falavam e colocavam seus problemas. Isso foi tão importante para eles que, nas primeiras vezes que se reuniam, uma das coisas que achavam mais interessante, era rememorar quando começaram a falar. Independente do conteúdo da fala eles dão muito valor ao ato de falar. Porque se reconhecem como gente. Porque de fato o sujeito que vive na sua roça, sem a mínima participação na vida social, de repente está numa reunião onde fala, é ouvido, expressa o que pensa, decide uma coisa.

Autonomia era muito o fortalecimento dessa participação.¹ E se baseava na idéia de que havia duas classes distintas, duas culturas diferentes. Tanto era assim que quando o pessoal se reunia os agentes não participavam. Numa reunião os camponeses eram divididos em grupinhos para melhor debaterem um tema. Os agentes conduziam a reunião, orientavam, mas não participavam dos grupinhos.

Como a atuação era toda centrada no princípio da autonomia, estimulava-se que as comunidades fizessem as suas reuniões, decidissem os seus problemas e enviassem seus relatórios para a equipe, para que esses relatórios fossem lidos no programa de rádio.² Porque existia um programa de rádio dedicado às comunidades rurais a cargo do Movimento. E como se aplicava o conceito de autonomia no programa de rádio? A idéia era que em vez de fornecer informações aos camponeses, eles escrevessem. Buscamos fazer do rádio um espaço onde os camponeses pudessem ser livres para expressar o seu pensamento usando a sua linguagem. O programa deveria servir para a formação dos camponeses estimulando-os a pensar sobre a realidade que viviam. Inclusive a fala era a do próprio camponês. O programa era feito num português errado porque as pessoas escreviam errado e os locutores, que eram camponeses, falavam errado. Isso teve uma oposição muito grande e sempre havia muito choque com o pessoal técnico da emissora. De repente aqueles matutos invadindo um "santuário da comunicação". Além disso era estimulado que os lavradores viessem ao rádio falar também, não só escrevessem. E isso reforçava aquele problema a que nós já nos referimos: a pessoa se sentia gente. Era capaz de falar no rádio, de se dirigir aos outros. Então começou o despertar das pessoas para a vida, para poder decidir, para executar. O complexo de inferioridade era uma coisa muito forte no camponês. Ele não falava porque "não sabia de nada". Então era todo o esforço de quebrar essa idéia, de provar que o povo tem um saber próprio.

Até o momento falei desta noção de autonomia do lado dos camponeses. O que se buscava estimular, o que se buscava reforçar. Agora vou falar como a equipe, um reduzido número de pessoas de classe média, se colocava dentro dessa noção. Como era a sua interferência.

A equipe atuava visitando as comunidades para conhecer a realidade local, mantendo com os dirigentes e assessores contatos para se inteirar de seus problemas, reunindo com a coordenação para refletir sobre o Movimento. E atuava nos cursos.³ Os cursos foram criados pela equipe para propiciar que os lavradores se reunissem e

Como atuava a equipe

tivessem a oportunidade de debater as suas idéias. Então, a base desses cursos era a discussão da realidade: a análise do sistema de dominação que pesava sobre o camponês, e que se apresentava na renda cobrada pela terra, na desvalorização de seus produtos, na falta de apoio técnico e financeiro... Essa discussão da produção se fazia no interior da própria vida do camponês. Como a questão de segurar, ou não, o pro-

duto. Poder segurar o produto é muito importante porque, no tempo da safra, na hora de vender, o preço está baixo; e quando eles não têm mais o produto, o preço sobe. Então a discussão era: será que nós temos condições de segurar, de guardar o produto? Guardar para ter o produto em casa e não precisar comprá-lo na alta. Uns achavam possível, outros não. Então passou-se a discutir se este tipo de opção não estava mais ligado à própria mentalidade conformista das pessoas.

A insistência na análise da realidade servia de contraponto a uma mentalidade e práticas religiosas que imperavam nas comunidades. Estas comunidades, depois de estruturadas em quase todas as regiões, eram utilizadas pelas paróquias para desenvolver cursos de catequese, batismo, preparação para a crisma, primeira comunhão, casamentos, novenas...

Os cursos estimulavam uma discussão da realidade entendida como a relação entre explorador e explorado. Para isto forneciam pistas para analisar o sistema, buscando que o oprimido reconhecesse a existência de uma relação de dominação e sua causa que, em última instância, se vinculava ao econômico.

Com o passar do tempo nós percebemos que a insistência na realidade não era suficiente para quebrar uma visão religiosa conformista que estava na cabeça da maioria dos lavradores. Era preciso debater e mergulhar no discurso religioso do pessoal. Então tivemos a idéia de fazer cursos em que, através da Bíblia, se passasse a discutir a vida. Por isso esses cursos tomaram o nome de "Evangelho e Vida". Porque não é só ficar no Evangelho, não é só ficar na vida. Isso vai ser muito forte no Movimento. É você aplicar o Evangelho na vida. Com estes cursos se procurava combater a concepção fatalista da dominação e da exploração na vida dos homens.

É deste período o surgimento das folhinhas "Evangelho e Vida". Estas folhinhas surgiram para servir de instrumento às pessoas que queriam fazer reunião mas não sabiam como. Ainda não havia no Movimento um costume, uma naturalidade do povo se reunir para refletir sobre qualquer assunto da comunidade, ou sobre a vida mesmo. Isso depois foi um hábito que se criou. Mas no início precisava um texto, um pretexto para provocar uma discussão. Como normalmente o pessoal se reunia para a celebração do culto, a equipe imaginou uma folhinha que contivesse as três leituras da Bíblia marcadas para cada domingo, acompanhada de uma estória ligada ao sentido das leituras. As estórias eram inventadas pela equipe, baseadas em reuniões que nós assistíamos, em fatos ocorridos, em frases anotadas, enfim, na realidade da região.

Além de provocar uma discussão as folhinhas marcavam a idéia de que a leitura da Bíblia deve servir para ajudar na reflexão da vida. Quer dizer, você lê o Evangelho para servir você, para a sua vida, e não para ser um especialista em Bíblia.

As primeiras folhinhas foram povoadas por personagens que nós criávamos, personagens que se assemelhavam às pessoas que nós conhecíamos no Movimento. Tinha o Zé Vida-Dura, um camponês muito pobre, sem perspectiva nenhuma, que só abria a boca para se queixar da vida. Era o sujeito que não queria se comprometer com nada, que ia para a reunião e dizia "não, nada disso dá certo; pra que a gente se reúne?" E tinham muitos outros tipos. A Maria do Céu, o nome já diz, uma beata, que só vivia rezando. O Zé Tição, tição de catingueira, aceso para levantar as idéias. O Zé Tição estava sempre pelejando, sempre caçando um jeito, arranjando uma saída. A Maria do Rosário, com as mesmas manias da Maria do Céu; o Zé Cachaça, pé-de-cana... e por aí afora. Às vezes a gente colocava os personagens para discutir, cada um dentro da sua visão de mundo, ou então narrava encontros que a gente tinha assistido usando esses personagens.

Com o passar do tempo foi aumentando a participação dos camponeses no Movimento através de cartas, livrinhos, escritos vários, e nós resolvemos abandonar os personagens e as estórias que inventávamos para só basear as folhinhas nos escritos dos camponeses. Isso foi em 1979.

A gente lia todo o material que os lavradores escreviam e eu selecionava por assunto. Todas as questões do mundo estavam lá: religião, moral, análise do sistema, relação homem-mulher, escola, Movimento, crítica ao individualismo, caridade, força do pobre, migração, etc. Quando a equipe se reunia, via as leituras daquele domingo e discutia. Eu ia buscar a carta que correspondia ao sentido das leituras. E esse sistema se manteve assim, alimentado pelos escritos dos camponeses, durante 4 anos. E foi um sucesso extraordinário.

A folhinha foi um instrumento muito importante no Movimento porque ajudou a democratizá-lo. Muita gente contribuía com os seus escritos. Se a idéia era boa, fosse de quem fosse, a gente aproveitava. Isso estimulou muito o pessoal a escrever para sair na folhinha. As cartas vinham para o programa de rádio, eram lidas, e a gente as selecionava. Nos seus 5 anos de existência os mais variados assuntos foram debatidos nas folhinhas. Não era mais apenas a análise do sistema econômico que interessava mas tudo que dissesse respeito à vida do camponês. Qualquer pessoa podia ter acesso à folhinha, que era vendida através de um sistema de assinaturas. Então se o dirigente,

às vezes, não puxava uma discussão, não estimulava um debate, aquele que tivesse uma folhinha na mão poderia propor à comunidade uma reunião. Por isso mesmo, no começo, toda a folhinha terminava com uma pergunta. No auge do período das folhinhas nós tivemos mil e tantas assinaturas.

O uso das folhinhas nas comunidades, como se pode imaginar num trabalho que envolvia tantas pessoas, foi o mais variado possível: nas reuniões, nos cultos; e como a folhinha sempre propunha uma discussão, o "sermão" do dirigente passou a ser um debate de muitos.

As folhinhas davam um trabalho tremendo para fazer. Por causa das dificuldades de correio a gente tinha que prepará-las com antecedência e entregá-las ao pessoal em pacotes de 15 ou 20 de cada vez. A gente tinha que prever com antecedência de 3 ou 4 meses, de olho nos encontros que haveriam, os portadores possíveis, porque de outro modo o pessoal não as receberia a tempo. Dava muito trabalho e a gente realizava tudo artesanalmente: datilografava, grampeava, escrevia os nomes, colocava nos envelopes, separava por paróquia... E eram 52 folhinhas anuais.

Depois a folhinha acabou porque o Movimento chegou a um ponto que não precisava mais de um instrumento para reunião. As pessoas já se reuniam e discutiam livremente os assuntos que interessavam. Mesmo o culto foi deixando de ser realizado. Então o pessoal achou que a folhinha tinha que acabar porque, no dizer do Serafim, "já temos muito papel e de papel basta. Agora a gente precisa de outras coisas, precisa é de mexer na realidade, mover, criar".

Quando chegamos, em janeiro de 1976, nos pareceu que o mais importante era começar a conhecer os lugares. E como o movimento atingia 16 cidades com seus municípios — era enorme! — passamos 2 anos viajando para conhecer esse mundo de coisas.

A região onde se desenvolve o trabalho do Movimento é uma das mais pobres do Estado do Ceará. E o Ceará talvez seja o estado nordestino que tenha a maior abrangência de sertão. E sertão lembra, para todo mundo, seca. É sol demais. Numa região que compreende serra, praia e sertão é que vai se localizar o trabalho. Quem vive aí constata que a serra e a praia também sofrem a seca. Sofrem a seca com a mesma inclemência do sertão. Quer dizer, nenhuma dessas regiões é privilegiada em termos de clima e de produção, todas são iguais.

O trabalho abrange estas três regiões e a cidade de Sobral, que é o centro-sede do trabalho. Sobral é também um centro regional. As cidades menores recorrem aos serviços que Sobral possui com seus 150.000 habitantes e uma infra-estrutura razoável em termos de Nordeste.

O Bastião, falando nestas três regiões, diz que são "três sotaques diferentes", três maneiras de ser diferentes. O praiano, o sertanejo e o serrano, realmente, são pessoas diferentes. Têm coisas iguais como

o plantio do feijão, do milho e da farinha. Na praia, mais farinha e menos feijão; no sertão, mais feijão; na serra se planta alguma verdura, cebola; mas a cultura de todos é de subsistência. O que é diferente são as realidades da linguagem, a maneira de ser. No sertão domina o latifúndio e o sistema de parceria, ou seja: o pagamento não é feito em dinheiro e sim em

A região onde se desenvolve o trabalho do Movimento

produto. E funciona assim: três-um, quatro-um. Quer dizer: 3 para o lavrador e 1 para o patrão; ou 4 para o lavrador e 1 para o patrão. Na praia tem também esse sistema de parceria, mas é pequeno proprietário; então se usa muito o arrendamento. Ou seja: alugar a terra mediante pagamento em dinheiro. É o pequeno com o pequeno, é uma outra realidade. Isso dá uma dimensão diferente de trabalho e de problema. A praia integra o lavrador e o pescador, o sujeito é pescador mas ele também tem lavoura. Ou, se ele é lavrador, também pesca. O que muda é a prioridade; há uma integração muito grande entre a lavoura e a pesca. Na praia tem caju e coco. A serra se caracteriza pela superdivisão de propriedade e a falta de terra para trabalhar; além de plantarem o milho e o feijão também plantam cebolinha e cheiro-verde. E também árvores frutíferas, sendo a principal delas o cajueiro, da qual se vende a castanha do caju.

Todos os lugares são de migração. Os emigrantes no Ceará são tantos que, acho eu, se todos os cearenses voltassem ao Ceará dobraria a população. Mas também acontece um outro fenômeno, muita gente volta. Em cada região você sempre encontra uma pessoa que voltou. A maioria fica mas muitos voltam. E aí se dá uma coisa, que eu vou chamar de mosaico cultural, interessante. Porque você encontra, entre o pessoal mais pobre, todas as profissões: seringueiro, mergulhador, gente que trabalhou em bar, gente que teve contato com outro universo muito diferente do seu. Por exemplo: trabalhar como caseiro de Oscar Niemeyer; ou trabalhar no metrô. Você fica muito perto do Brasil, essa sensação sempre tive morando no Ceará. Você

encontra gente de Brasília, ouve histórias do Norte, do Pará, do Amazonas. E aí você começa a conhecer a cultura do Amazonas, você começa a conhecer a cultura do Pará; você começa a saber que existe uma árvore, no Pará, que é a "burra do leite", que você tira leite e bebe. Quer dizer, você começa a conhecer a cultura do Pará; você começa a ficar integrado no Brasil.

E isso é interessante em termos de se fazer um trabalho popular no Ceará. Por exemplo, um sujeito que já andou pelo Brasil e é chamado para uma reunião, a gente nota que ele se desinibe muito mais depressa que uma pessoa que só viveu num lugar isolado. Estou me lembrando de um lavrador que trabalhou no metrô do Rio de Janeiro. O lavrador é muito envergonhado para falar mas este, por exemplo, não tem mais esta timidez, teve que se virar lá fora, não é? Isso dá uma interferência interessante no trabalho.

Para tentar entender o universo camponês é necessário observar o cotidiano do seu trabalho, seu roçado. Conversando sobre isso com um lavrador da região praiana, o Xisto, me lembro que ele dizia: "todo o dia você vai pro mato, um trabalho duro, onde você pega às 5 horas da manhã e vai até às 11 horas, depois vai a tarde toda, cortando mato. Aí você sabe que aquele mato cabecinha branca você trata de um jeito, o outro de maneira diferente e você passa a ter amor àquelas coisas". É um negócio de integração com a natureza. No dizer do Bastião, "quando você tá naquela luta dura, você esquece todos os problemas que você tem em casa". Então o roçado também funciona como uma terapia, porque é duro você imaginar o sujeito trabalhando e só comendo uma tapioca. Mas tem também um lado de liberdade: você pára, você descansa no cabo da enxada uns dez minutos porque você não tem patrão. E isso é uma coisa muito importante dentro do trabalho. Muita gente que resolve voltar ou não emigrar é em nome dessa liberdade. Quer dizer, prefere ter a liberdade do que ter o dinheiro na mão.

No meu entender, a questão da emigração se resume, para o pessoal, em dois aspectos. Quando você vai — isso eu discuti com o pessoal do Movimento e com nordestinos em São Paulo que não pertenciam a movimento nenhum — é porque não tem ganho. Ganho significa dinheiro. Então você não tem dinheiro no bolso e sem dinheiro no bolso muita gente se sente preso, você não pode fazer nada, não pode brincar, não pode ter uma atividade. Você não tem o mínimo: é um cara que só trabalha, trabalha e não vê o conforto. Quem parte vai em busca dessa liberdade. E aí, quando encontra esse dinheiro, mesmo pouco, encontra um emprego estável, não quer mais voltar. Ele lembra da sua terra, mas não quer mais sofrer aquele

sufoco. Isso no caso de quem vai para um centro urbano, porque a migração do campo para o campo é outra questão. Então você vai muito para ter o dinheiro no bolso, para ter a sua televisão, a sua casinha. Você não volta porque não quer regredir no tempo. E, de certa forma, você tem sua razão. Agora, quem volta, defende fundamentalmente outra questão: ele prefere viver sem dinheiro, ou com pouquíssimo dinheiro, mas ter a liberdade de ir-e-vir. Ele não se concebe escravo de horários, de leis rígidas. Ele não concebe também como é que um ser humano tem que comprar uma laranja, uma manga para comer, uma coisa que a terra dá; ele tem que comprar tudo. E outra coisa é a liberdade de não ter patrão. Porque o camponês parceiro não tem patrão; ele não tem terra porque ele arrenda, paga, mas ele não tem patrão. Então ele pode passar dois dias descansando, ele pode ir para uma reunião do Movimento, ele não tem horário, ele pode adoecer. E ele também come o que a terra dá, ele chupa o caju que vem da terra. Ele pode não ter dinheiro, mas ele usa a natureza; e na cidade é só o peso do dinheiro. Além da escravidão do aluguel, não pagou não mora. Uma coisa violentíssima.

Uma outra coisa que muito lavrador não aceita, mesmo no campo, é trabalhar de aluguel. Trabalhar de aluguel é o sujeito que se emprega num lugar recebendo o dia. É diarista. O lavrador acha isso uma humilhação. Ganha muito pouco e está sujeito à rigidez das normas. Ele acha preferível lutar no seu roçado e dar um jeito de sobreviver dele.

Esse lado da emigração tem outras questões, há causas sociais e econômicas, mas não estou analisando isto e sim a questão do ponto de vista das pessoas que vivem a emigração. As questões básicas são estas duas, de quem vai e de quem fica. E isso eles dizem dessa forma. Quem vai, vai pela liberdade; liberdade a ser conseguida através do dinheiro. Quem volta, volta para ter a liberdade de não ter hora, de não ter patrão e de usufruir daquilo que a mãe terra produz. A questão básica é a questão da liberdade; são duas concepções de liberdade.

Entender o lavrador é entender a sua relação com a natureza. Assim como o lavrador maranhense conhece o rio, o cearense conhece tudo — como eles dizem — do céu. Olha para cima e, mesmo com um céu claro, diz: "vai chover", e dali a uma hora chove mesmo, porque ele percebe nuances no céu que indicam chuva. Ele é um sujeito que está o tempo todo preocupado com o poente, com o nascente, com as nuvens, com o clima, com o domínio da meteorologia.

Há um saber também sobre a relação do animal com a natureza. O tatu quando sua embaixo do braço indica chuva; e chove mesmo. As formigas, quando mudam de lugar, acontece a mesma coisa. Na enchente que eu passei no Ceará, um velho dizia: "Vai chover", porque a formiga no verão estava fuçando o mato para trazer alimento para armazenar. O animal armazena adivinhando a enchente. E teve mesmo. Tinha um velho, que morava na região do Acaraú, que todos consultavam, inclusive fazendeiros. Ele tinha um livro em que interpretava, a seu modo, se ia ter inverno ou não. Ele nunca errou. Entender o lavrador é entender a linguagem dele, a sua ligação com a terra. A relação dele com a terra não é só uma relação econômica, é uma relação muito maior, muitos concebem a terra como mãe. Defendem a terra com carinho, e tratar a terra é tratar a terra com amor. O bom lavrador é aquele que sabe amar a terra, não só aquele que joga a semente e produz; quando ele fala sobre a terra sorri. É fácil reconhecer um bom lavrador. Ele fala da terra como se estivesse dormindo com ela.

No campo todo o mundo gosta de conversar à beira da fogueira e contar histórias de Troncoso, que são histórias inventadas. A imaginação aí é fértil. Importante também são as tertúlias, que são as festinhas nas casas, o forró, que é a maior malandragem. Entender o camponês é entender o amor do camponês, que às vezes a gente estranha por causa da linguagem que nos parece rude. Como aquela brincadeira de "eu te furo os óio", "eu também", isso é amor.

Foi neste contexto cultural que a gente desenvolveu o trabalho do Movimento, esse trabalho de lavradores.

Paralelo ao conhecimento do mundo camponês fomos formando idéias sobre o Movimento, sobre o que estava se passando nos locais. O que era diferente dos cursos dados na cidade. Agora víamos e sentíamos como as comunidades viviam e discutiam os seus problemas. Logo nas primeiras visitas começamos a ver que uma coisa eram os cursos e outra a atuação nos locais de trabalho. Exemplo disto ocorreu em um lugar bastante longínquo da sede, região praiana, onde havia uma eleição para assessor paroquial. Nessa eleição percebemos toda uma política de ca-

No fundo estávamos reforçando as lideranças

bala de votos para que um assessor ganhasse, como na política "oficial". Assistimos aquilo e começamos a pensar nas coisas.

Neste tempo a minha interferência pessoal era mínima porque não conhecia ninguém. Nas reuniões eu tentava fazer algumas perguntas que, olhando hoje, acho profundamente abstratas. Minha tentativa era ver se conseguia conversar com aquele pessoal e tirar alguma coisa. Era muito mais no sentido de tirar para mim do que de interferir. Nossa interferência nos locais era mínima. Acho que inclusive caíamos na abstração de mandar o povo se unir. Porque era a palavra mais fácil que se achava na época e era também um conceito que o povo também adquiriu — o conceito de união, um conceito forte ("unir o povo sofredor").

O tempo foi passando e fomos conhecendo o trabalho, tomando contato com o povo. Nós da equipe e também a Coordenação de lavradores e alguns outros camponeses começamos juntos a analisar, a pensar. E nessas reflexões chegamos a algumas conclusões, como a necessidade de surgirem novas lideranças, já que as que existiam não respondiam à realidade do Movimento. Para facilitar isto usamos o mesmo instrumental de antes, cursos e visitas. Nas visitas íamos atentos para olhar as pessoas no meio do povo que se destacavam e, depois, as chamávamos para os cursos na sede. E nós íamos dar o curso para quê? Para conscientizar o pessoal da realidade de opressão que existia, baseada na exploração do trabalho pelo capital. Nos cursos se polarizava o explorador/explorado, a divisão de classe que, depois, na linguagem popular de um camponês do Movimento, vai se chamar panela de rico/panela de pobre.

Nesta época trabalhávamos com líderes, que ajudávamos a formar, através dos cursos. Não éramos nós que íamos desenvolver o trabalho no local, eram aquelas pessoas que a gente reforçava na liderança sobre os demais. Mesmo dentro de uma visão crítica reforçávamos o conceito de liderança.

Os cursos além de levar ao que se chamava, na época, "conscientização da realidade", também propiciavam o aparecimento de novas pessoas. Nas visitas a gente procurava descobrir gente nova por uma fala, por alguma coisa assim, e trazia para o curso para ver o que dava. Então em várias regiões começaram a aparecer pessoas para participar dos cursos. Tanto dos cursos dados no local como na sede. Veio muita gente mesmo. E isso deu uma dinâmica muito diferente ao Movimento. Algumas dessas pessoas começaram a participar e a entender os temas propostos, que naquela época eram sobre análise do sistema, e se destacaram. E começou a correr sangue novo.

Essas pessoas novas vinham mais livres do que aquele pessoal que já tinha começado no Movimento há mais tempo. Com isto outras comunidades surgiram.

Nos cursos percebemos que as pessoas que já tinham emigrado para o Rio e São Paulo eram mais soltas, conseguiam conversar. Tinham vivido em cidades grandes e aprenderam a se virar, perderam a timidez. Isso começou a dar esperança: de repente o Movimento

O Movimento começa a se renovar

começou a se renovar. Com este sopro de renovação muitos se afastaram, mas outros, que começaram no início e estavam parados, se animaram a participar. E começaram a chegar cartas, muitas cartas. E há um dado interessante. Notava-se, pela leitura das cartas, dois tipos de pro-

postas: a do pessoal que era mais ligado às coisas da Igreja, que escrevia dentro de uma linha de religiosidade sem se preocupar com a análise da realidade social; e a da gente nova, já incorporando os cursos, já traduzindo os cursos e se apropriando deles na sua própria linguagem, numa preocupação com a realidade social. Existiam, portanto, dois tipos de cartas, as alienadas, como o próprio pessoal chamava na época, alheias à realidade social, e as que falavam no pobre, no sistema, na união, na luta. Então, nesta época, resolvemos — a equipe junto com a Coordenação de camponeses — fazer uma mudança na programação da rádio. Decidiu-se que toda a carta que chegasse seria lida na segunda-feira; na sexta a equipe faria uma seleção das cartas que falassem da realidade social (era o termo empregado na época), ou seja, das que tivessem um conteúdo social. Tomamos esta decisão porque uma enorme região, chamada Cruz, foi invadida por um movimento de Igreja vindo de Fortaleza, chamado “Terço Vivo”. Isso no fundo era uma coisa comercial. As pessoas iam rezar, cada um tirava um terço, e depois dava-se uma contribuição financeira. Então nas cartas só se falava neste “Terço Vivo”. De repente o programa foi dominado por uma região: Cruz. Aí, para se combater isso, teve-se a idéia de reforçar a realidade social no programa de rádio. E algumas pessoas antigas no Movimento contribuíram muito para isso, inclusive o pessoal da Coordenação, mais esse pessoal novo. Esse pessoal não tinha vivenciado a história antiga da religiosidade e já entrou na fase da “realidade”, que contaminou o Movimento. Tanto que o povo se expressava desta maneira: “agora o Movimento tem realidade”. Essa era uma expressão popular. Um lavrador, ao analisar o Movimento desta época, usou a seguinte frase: “antes o Movimento era um sonho no espaço, hoje é um sonho na estória”. Quer dizer, o Movimento hoje é um sonho na realidade, atuando dentro dos problemas sociais e combatendo a chamada “beatice”. Então ficava esta dicotomia: o consciente e o alienado. Consciente era aquele cara que respondia aos problemas da realidade social, o alienado era o sujeito que só ficava na religião. Essa dicotomia foi muito presente no Movimento.

Nesta época, o pessoal preocupado com a “realidade” começou a se questionar: o que fazer para o Movimento mudar e crescer? Inicialmente se pensou em atuar através do “Encontrão”. O Encontrão é um encontro anual de todas as comunidades. No início apenas participavam pessoas convidadas pela equipe e pela Coordenação. Depois as comunidades escolhiam seus representantes. Um ano ou dois depois que eu cheguei já era “vem quem quer”. Abriu. Não havia mais convite, a sua realização era comunicada através do rádio.

No Encontrão se fazia a revisão e o planejamento do Movimento. Para que houvesse participação das bases, nas comunidades se usava

um instrumento que já havia no Movimento, mas que se tornou, nessa época, muito importante: as circulares. Para preparar o Encontrão a equipe e a Coordenação, junto com alguns camponeses, escolhiam o tema do encontro e mandavam uma circular. Aí entra também a participação

Morno, quente e frio

dos novos. O pessoal novo já sendo chamado para preparar o Encontrão. Então essas circulares eram mandadas, eram discutidas em todas as comunidades, e as respostas vinham antes de se realizar o encontro. Vinham para o rádio e eram lidas. Então contaminava todo o Movimento.

As primeiras circulares de preparação do Encontrão, logo que nós chegamos, já com a nossa interferência, eram baseadas nos próprios cursos. É importante frisar o seguinte: quando começam a haver as primeiras mudanças, essas mudanças nascem quando os camponeses se apropriam da linguagem dos cursos e começam a escrever. Aí a equipe utiliza esses escritos dos camponeses como circular para preparar os encontros, como o encontro das mulheres.

Neste momento (1978) já começava a haver algumas críticas de que não se podia ficar só na análise, tinha que haver ação. Só se estava analisando o sistema. Então um camponês resolve escrever uma carta para o programa, carta que se intitulava: “Morno, quente e frio”. Essa carta é transformada em circular e tem um sucesso extraordinário. Ela se baseava na Bíblia, em um trecho que fala “da Igreja de

Laudicéia". Esse camponês, interpretando a linguagem da Bíblia, passa a questionar o Movimento. Começa a descrever o que é quente. Quente é aquele cara consciente da realidade, que tenta unir os companheiros, que tenta lutar contra a opressão. Frio é o que só fica rezando, pedindo proteção a Deus e não faz nada. E morno ele considera o da pior espécie: é o cara que não quer se comprometer, que fica em cima do muro. Então ele pergunta às pessoas: "quem é morno? quem é quente? quem é frio?" Essa circular foi para todas as comunidades e gerou uma discussão profunda. Foi a primeira, no meu modo de entender, revisão séria sobre o Movimento. "O que é o Movimento? O que as pessoas estão fazendo dentro dele?" E aí começou a discussão: "Você é morno, quente ou frio?" Por todos os lugares havia essa discussão. A partir daí se começou a pensar também no próprio Movimento e não apenas no sistema. Como é que o Movimento estava, como se organizava e o que as pessoas estavam fazendo. Esse texto foi também tema de um Encontro.

Um outro texto que fez o mesmo sucesso e que marca o embrião de novas mudanças, mais na frente, foi sobre liderança. Esse texto

**Nós não devemos
ser uma só
estrela brilhando,
devemos
fazer parte
de uma
constelação**

foi escrito por um outro camponês, o Antonio Pires. Nós também o transformamos em circular de um Encontro. Com esse texto começaram os primeiros questionamentos ao conceito de liderança. A frase que ele usava era a seguinte: "nós não devemos ser uma só estrela brilhando, devemos fazer parte de uma constelação". Mais na frente ele afirma: "o importante não é 'o que' é feito mas 'como' é feito. O 'que' escraviza, o 'como' liberta. Se

você chegar num lugar e perguntar: como vai a comunidade? o pessoal apresenta logo as coisas que tem feito: um prédio comunitário, um poço. Mas o importante não é ver o que foi feito mas como foi feito esse trabalho".

Paralelamente a crítica à liderança começa a nascer, embrionariamente, a noção de processo. Respeitar o processo. Quanto ao líder, sua importância ainda se conserva, só que ele não deve ser um líder sozinho, um líder mandão, um líder patrão, mas um líder que escute os companheiros. Ainda se mantinha, portanto, a importância de uma liderança.

Esse texto sobre liderança foi muito discutido e aí se começou a questionar as lideranças do Movimento. No meu modo de entender, esse texto contribuiu para uma alteração. Muitos dirigentes passaram a ser questionados pelo próprio povo que fazia parte das comunidades

loais. Começa a ser questionado o dirigente chamado "mandão", aquele dirigente que não escutava o pessoal, que só queria falar, que só queria fazer sermão. E muitos dirigentes, ao serem questionados, abandonaram o Movimento, outros se modificaram e outros pediram auxílio às pessoas que os estavam questionando, o que dá margem aos "grupinhos", que vou falar depois.

É dessa época o livro "De onde virá a libertação?", de Manuel Tiago, camponês já falecido que teve uma importância muito grande no Movimento. Este livro, baseado em Cristo e em Moisés, tentava provar que na Bíblia havia uma diferença de classe, que Cristo também via o mundo dividido em classe. Naquela época havia uma preocupação com o problema do opressor/oprimido, mas pouco se

falava em classe. Para a Igreja todos são irmãos, embora haja o irmão bom e o irmão mau. E no livro, Manuel Tiago diz: "Jesus em sua autêntica humildade e verdadeiro amor iniciou a quebra dos preconceitos raciais; denunciou a existência da divisão de classe, condenou a superioridade dos doutores da lei e dos fariseus e poderosos que se julgavam

abençoados e amparados por Deus". Isso fez um sucesso incrível. Inclusive os cursinhos que ainda continuavam começaram a utilizar esse livro, que foi distribuído às comunidades. Isso rendeu cartas, que foram comentadas no programa da rádio. Uma das características do Manuel Tiago foi puxar temas novos que mexiam com o pessoal.

De onde virá a libertação?

A edição do livro de Manuel Tiago coincide com um momento de grande ebulição no Movimento. No dizer de um camponês começaram a aparecer diversas pontas, e essas pontas podiam ser puxadas pelas pessoas, a ponta que melhor lhe conviesse.

Começa a nascer uma crítica à estrutura do Movimento: coordenação, equipe, assessores zonais, assessores paroquiais e dirigentes. Começou-se

a ver que os assessores zonais já não tinham razão de ser, que nos encontros zonais não havia ninguém, não havia interesse. Os encontros eram repetitivos e não havia mais necessidade de haver uma pessoa percorrendo diversos municípios. Então resolve-se

acabar com os assessores zonais. Posteriormente desaparecem os asses-

Patos e gansos

sores paroquiais. Ainda fica o dirigente como uma questão em aberto. A comunidade que quiser tem dirigente, a que não quiser pode fazer de outra forma. Isso traz o embrião da estrutura atual.

Paralela a crítica à estrutura do Movimento, que copiava a estrutura organizativa da diocese, começa-se a questionar a Igreja. Nas comunidades muitas pessoas começam a perceber que os padres, que antes ajudavam, atrapalham, porque não querem o Movimento voltado para a realidade social. Começa a haver choque. A Coordenação, por sua vez, resolve também analisar a instituição Igreja. No meu modo de entender com duas intenções: 1) de ajuda ao Movimento; 2) de ajuda a si própria, porque era uma maneira de se conscientizarem da estrutura da qual nasceram. Foi numa reunião da Coordenação que nasceu uma historinha que ficou famosa e muito popular. No início do Movimento havia uma mãe-pata, essa pata começou a chocar os ovos e foram nascendo "patinhos". Todo mundo que mora no campo sabe que o pato é da família do ganso e são muito parecidos. Quando nascem você não consegue distinguir o ganso do pato. Uma pata também choca ovos de ganso. No meio dos patos, então, nasceram gansos. Só que a mãe não percebeu. Quando eles começaram a crescer e a engrossar o pescoço, ela percebeu que tinham uma pinta diferente, que eram gansos. Mas não dava mais para eliminar porque já tinham nascido uns 20 gansos. Isso aí era a análise sobre a Igreja. Porque a Igreja criou o Movimento, criou controlando. Eram todos patos. Mas você não consegue controlar tudo na vida. No meio disso foram nascendo pessoas diferentes, gansos. E o pessoal que fazia esta análise se considerava ganso e afirmava que não recuaria mais.

Esses gansos queriam dar uma dinâmica própria ao Movimento, diferente da Igreja. Já haviam engrossado o pescoço, criado autonomia, e queriam levar o Movimento para a frente.

É importante ressaltar que a crítica à Igreja não significa romper com a fé. Muito pelo contrário, essa fé foi reforçada e transcendia à instituição. No dizer dos camponeses "o nosso povo é um povo de fé. Fé em Deus e nos homens. Para vivermos essa realidade sofrida só com muita fé e esperança. A fé nos encoraja a sonhar e lutar por um mundo melhor".

O Movimento estava muito vivo e muito rico com toda esta ebulição acontecendo. Era um momento em que todos participavam. Muitas pessoas aderindo e algumas desistindo. Aqueles que queriam que ficasse só na religião se afastaram, embora fizessem parte do Movimento.

Porque não havia ninguém que dissesse assim: "bom, tem que seguir esta linha". Por isso ninguém foi eliminado, isto nunca aconteceu.

Começou-se a incentivar várias coisas. A equipe, com alguns camponeses, estimulavam as pessoas a se encontrarem para discutir um tema e daquele tema elaborarem um texto. Na época se chamou isso de "canteiros". Canteiro é um termo camponês. Você faz um canteirozinho de terra para plantar, faz uma leirazinha, levanta a terra... o canteiro inclusive tem uma dimensão, tantos metros e tal. Como eram poucas pessoas era um canteirozinho de pessoas para plantar a semente naquela terra.

Canteiros e pára-quadras

No caso, plantar idéias. Mas esses canteiros não chegaram a contaminar. De qualquer modo foi o início das pessoas quebrarem com uma atuação só nas comunidades. Agora as pessoas procuravam se encontrar com outras, de diversos locais, que não fosse apenas em situação de "encontro".

Também nessa época, de grande movimentação e mudanças, a equipe introduziu um instrumento que não havia e que se chamou de "pára-quadras". Pára-quadras porque você aparecia na casa das pessoas sem avisar. Era uma visita particular. Os lavradores acharam este tipo de interferência muito importante. Porque você ia conhecer a pessoa na sua casa, ia discutir outros problemas, ia ver não só como ela entendia a exploração, mas como ela agia na vida.

Nessa época a relação explorador/explorado, que se vinha discutindo, vai se tornar mais clara. Isto porque um camponês resolveu, depois dessa experiência toda que se estava vivendo, e da assimilação

dos cursos que ele tinha tido, escrever um texto por sua própria iniciativa. Escreveu e mandou para o programa de rádio. O texto, que se chamava "Panela do rico e panela do pobre", foi transformado em livro e dele tiramos 1.000 exemplares. Era um texto imenso, 30/40 páginas, quando o pessoal

Panela do rico e panela do pobre

estava acostumado a ler 5/6. Muito camponês não acreditava que o livro fosse servir para as bases. Um texto que, além do tamanho, falava do capitalismo, analisava o voto, o sistema político brasileiro... E foi o contrário. Todo mundo leu e entendeu à sua maneira. E passou-se a discutir com muita clareza essa noção de rico e pobre.

Aí a discussão de classe foi inaugurada no Movimento como uma discussão maior: "quem pertence à panela do rico?, quem pertence à panela do pobre?" Antes havia uma rigidez muito grande. Só quem tinha valor, nessa divisão de classe, era o camponês. Chegava-se ao extremo de se discutir se o pequeno bodegueiro pertencia à classe explorada ou era capitalista! Esta rigidez vinha da interpretação dos cursos, onde se dizia que o camponês alimentava o mundo, era o mais importante, sem ele não existiriam as cidades... tudo isso.

Com a discussão da "Panela do rico, panela do pobre" se percebe que várias pessoas, mesmo sem serem camponesas, pertencem à panela do pobre. Isso definido a partir de um critério econômico e com uma divisão muito rígida: panela do rico de um lado, panela do pobre de outro.

Então algumas pessoas se propõem a trabalhar sobre a panela do pobre, porque "é ela que nós temos que unir para poder enfrentar a outra panela e destruir esse sistema". Se passa a analisar a chamada panela do pobre, a rever a noção de pobre, o pobre como herói, o pobre sofredor... E começa-se a ver, pelos exemplos da vida, que tem pobre que explora pobre. Pobre que é ganancioso, que só quer crescer esmagando o outro. E se dá até o exemplo: tem pobre que está louco para pular para a outra panela, só não pula porque não tem oportunidade. Então a imagem criada foi a seguinte: na panela do rico tem um bocado de dedos aparecendo, dedos de pobres tentando subir, mas como não conseguiam acabavam caindo. Saiu até esta imagem.

Aí começa a haver uma discussão maior sobre o pobre. E discutir o pobre é um pouco discutir o Movimento, que é feito por pessoas pobres. Começa-se inclusive a se produzir e usar músicas, como uma chamada: "O menor também explora o menor". A idéia é conscientizar a classe para que ela crie um instrumento de união mais forte e comece a combater o sistema de dominação que as pessoas têm introjetado dentro delas.

É importante lembrar que o Movimento tinha como objetivo a libertação do povo sofredor e das causas dessa opressão. Tanto que a frase do programa de rádio, uma frase copiada da CNBB, era: "Salvar o homem do nordeste é libertá-lo da sua escravidão". E essa escravidão era entendida como escravidão econômica. Quando começa a se discutir mais o pobre vão aparecer muitas cartas e um livrinho, muito interessante, chamado "Mitos e provérbios que atrapalham o Movimento na caminhada da libertação", escrito por um camponês. Ele

analisa os vários provérbios que existem na linguagem popular e tenta mostrar que levam o homem ao comodismo. Mostra que tem muito ditado que o povo criou ("Quem nasceu para ser coxo até na cama quebra a perna") e muita crença que o povo tem ("esperar por Deus") que atrapalham na caminhada da libertação. Porque são provérbios e mitos que levam, segundo ele, a três parasitas terríveis: o comodismo, o egoísmo e o individualismo.

Este livro ajuda o pessoal a começar a pensar sobre a própria vida. Começa a haver um entusiasmo das pessoas escreverem também para ver seus escritos em livrinhos. Nesta época a produção de livros chega a umas quinze publicações.

As mulheres também passaram a publicar e trouxeram temas novos que tiveram uma importância fundamental no Movimento, como a Educação. Este não era um tema discutido até ser publicado "A educação

vem do berço", bem curtinho, que fez um sucesso extraordinário. Nele se criticava o ensino oficial, inteiramente desligado da existência dos camponeses. Ensino que minimizava o trabalho deles, além de tirar as pessoas da classe. A autora colocava que a verdadeira

educação vem através do trabalho que se faz, no caso, o do roçado. E vem também do lar, dos pais, dos valores transmitidos. Isto abriu um debate sobre o autoritarismo dos pais sobre os filhos. E os jovens começaram a questionar os mais velhos.

As mulheres

As mulheres tiveram uma importância muito grande no Movimento. Assim como inovaram nos temas das publicações, inovaram em muitas outras áreas. Elas tinham, têm até hoje, um encontro anual. Este encontro condensa, mais ou menos, todo esse processo que a gente vem narrando.

Antes o encontro era só para as mulheres dos dirigentes. Os homens pediram que houvesse um encontro para as suas mulheres porque elas não entendiam o que era reunião, Movimento, e achavam que eles iam era namorar. Como ninguém tinha o costume de sair, de viajar, se encontrar, toda essa história que eles contavam parecia muito estranha.

Então criou-se o encontro anual para as mulheres. No início a equipe convocava, escolhia o tema e organizava o encontro. Com o passar

do tempo as mulheres foram assumindo a preparação do encontro, a escolha do tema e a direção da reunião. E também, acompanhando o processo geral do trabalho, o encontro das mulheres foi se abrindo à participação: podia participar qualquer mulher casada ou viúva, mesmo que não fosse mulher de dirigente; depois mesmo as não casadas, mães solteiras, separadas, enfim, o encontro se tornou aberto à mulher. Vinha quem quisesse. Tinha até uma frase que a gente repetia muito: "Não precisa saber ler nem escrever, basta trazer a cabeça no lugar".

Quando as mulheres escolheram o tema sexo para um dos encontros foi um sucesso. Vieram 80 mulheres. Houve preparação nas bases e foi enviada uma circular com perguntas e vieram as respostas. Um grupo de camponeses ajudou a preparar o encontro e colaborou na coordenação. Elas tinham uma curiosidade enorme em conhecer o seu corpo e discutir o controle da natalidade. Por isso a equipe encheu de cartazes, com desenhos do corpo humano, o salão de reunião. Recorremos à ajuda de um médico que se dispôs a ajudar nos debates. Mas isto era feito à noite, como uma informação a mais. Durante o dia elas passavam reunidas em grupinhos destrinchando o tema escolhido. E aí fica claro que as mulheres não discutiam o tema sexo isolado. Na discussão entrava alimentação, saúde, educação dos filhos, migração, terra, produção. Durante 3 anos as discussões no encontro das esposas giravam em torno desses problemas, qualquer que fosse o tema proposto.

E aí deu-se um fato interessante, porque as mulheres "conscientes" do grupo queriam mudar o tema para discutir realidade: o sistema de exploração, a renda da terra, a desvalorização do produto, etc. E não percebiam que as mulheres estavam discutindo a realidade. Quer dizer, as "conscientes" estavam com uma visão bitolada, proveniente dos cursos, mas o pessoal não cedeu e continuou a discutir as coisas como uma totalidade. Essa postura da maioria das mulheres nos obrigou a rever a noção de realidade.

As mulheres deram uma contribuição importante ao Movimento, trazendo para o debate temas que os homens, por um motivo ou outro, não conseguiam discutir, como sexo. O homem brinca, conta piada, mas não conversa, não aprofunda. Já as mulheres discutiam livremente.

Isso, como tudo no Movimento, foi para o programa de rádio e, dessa forma, se espalhou para todo o mundo. E isto passou a questionar os homens, evidenciando que as mulheres estavam trazendo para a discussão temas sobre os quais eles estavam atrasados. Então passou-se a respeitar mais a mulher.

No início algumas mulheres queriam que a equipe fizesse um curso de sexo para os homens, mas nós nos negamos e dissemos: "vão vocês brigar com eles". Queriam que se convocasse um curso, uma discussão, porque com a legitimidade de um curso, os homens seriam obrigados a enfrentar o problema. Mas nem todas eram desta opinião. Achavam mesmo que não era um curso que iria resolver o problema. Na verdade, a maior queixa era a falta de diálogo sobre sexo. E alguns homens eram estúpidos. Houve o caso de uma menina de 14 anos que o marido quase estuprou. Havia muitos casos que elas contavam, de meninas que casavam totalmente despreparadas, com 14, 15 anos. Então o cara chegava lá, praticava o sexo, e a mulher ficava horrorizada. O homem não se preocupava com o prazer da mulher. E não se conversava sobre o assunto.

Nos encontros as mulheres verbalizavam, com a maior naturalidade, tudo sobre sexo, até mesmo masturbação. Elas se queixavam da falta de informação sobre o controle da natalidade, informação que o casal deveria ter. Depois foram descobrindo que os homens eram ignorantes nesse assunto. Eles reconheceram que as mulheres eram mais avançadas porque elas expressavam o que sentiam. E eles não. Era um assunto tabu. Mas as mulheres deram a partida e houve mudança no relacionamento de alguns casais.

Quando no Movimento se percebe que o trabalho não é só reunião, encontro, curso, e se passa a ver o trabalho com tudo o que é importante, é a vida, começa-se a valorizar as várias atividades femininas: o trabalho doméstico, a orientação das mães na educação dos filhos, as conversas das vizinhas batendo roupa, etc.

Outra questão levantada pelas mulheres foi em relação aos filhos adolescentes. Como dar um incentivo financeiro a eles, já que todo o trabalho é feito junto e consumido pela família? Os jovens queriam ter um certo dinheiro no bolso para beber, sair com amigos, ir a uma tertúlia. Elas achavam importante dar esse incentivo para eles terem, inclusive, um gosto pelo trabalho.

Os jovens não participavam muito do Movimento, ficavam apáticos. Numa das comunidades eles até atrapalhavam as reuniões e os cultos. Passavam de bicicleta e xingavam. Isto foi dando uma revolta muito

grande nas pessoas, que passaram a discutir o problema. Naquela época ainda havia a força do dirigente, que neste local era uma pessoa de carisma, de muito peso na comunidade, um líder. Não só um líder mas uma pessoa muito querida pelo próprio

Os jovens

povo. Então eles disseram: "nós entregamos nas suas mãos a resolução deste problema". Este dirigente também tinha filhos jovens em casa, então ele bolou o seguinte: mandou a filha dele convidar a juventude para uma brincadeira. Brincadeira é uma festinha, bota uma radiola, o pessoal fica tomando uma cachacinha com limão e fazendo as brincadeiras próprias do lugar. E aquilo começou às 7 da noite. O dirigente era velho, tinha um defeito físico, andava de muleta, não podia dançar, e ficou só olhando o pessoal brincar tomando também a sua cachacinha. Quando a reunião acabou ele disse: "venham cá, vocês não estão achando uma coisa engraçada aqui, não? Por que um velho, já cansado, de muleta, que não pode dançar e pular, chamou vocês aqui?" Aí o pessoal respondeu: "realmente nós não pensamos nisto. Mas agora que você falou achamos que atrás disso tem coisa". "Pois tem, atrás disso eu queria chamar vocês para uma reunião. E reunião é isso. Vocês vão conversar comigo. Só que na hora não vai poder ter essa música senão atrapalha a conversa. Mas vai ser uma conversa como nós tivemos aqui". E o pessoal já embalado topou a história. E marcaram a reunião.

Na reunião todo o mundo esperava que ele fosse fazer um sermão, uma crítica. Mas não, ele começou perguntando: "Vocês, hoje, acham que são os mesmos de dois anos atrás?" Eles responderam que não. Aí ele quis saber por quê. Então começaram a aparecer os problemas. O pessoal começou a revelar que havia muita revolta por causa da repressão dos pais, da implicância com o cabelo grande, da não aceitação da juventude. E também fez críticas ao dirigente, "que só fazia as coisas para as outras pessoas e não chamava os jovens". Aí o dirigente disse o seguinte: "daqui em diante vocês têm esse lugar. E como só vocês sabem o que a juventude quer discutir, não eu, vocês vão ser seus próprios dirigentes. Eu posso dar uma mãozinha".

Essa experiência foi contada no programa de rádio e começou a mexer com outros jovens.

Então no Movimento começam a aparecer experiências em diversas direções. Quando isso acontece todo o mundo começa a perceber que houve uma mudança. Torna-se uma necessidade perceber a nova cara do Movimento. E no Encontro deste ano (1979) se faz uma análise destas mudanças, todo o mundo contando o que estava fazendo de diferente. E isto foi assim resumido por um camponês: "nós sempre fomos livres, porque ninguém nos obrigou a vestir um vestido. Nós sempre vestimos o ves-

O vestido não era nosso

tido com as nossas mãos. Só que eu acabo de descobrir que este vestido não era nosso. Nós vestimos, com nossas mãos; mas o vestido não era feito por nós. Nós não costuramos esse vestido, nós não compramos o pano, nós não inventamos o modelo do vestido. Esse vestido já existia. Esse vestido tem algumas coisas de fora e alguns modelos da Igreja. Então o desafio é a gente vestir o nosso próprio vestido mas escolhendo o vestido". E aí começou a discussão: não pode ser um vestido para todo o mundo. É necessário que as pessoas se movimentem para descobrir os seus vestidos porque cada lugar tem uma realidade diferente. É preciso ter diversos vestidos.

Então aquela noção de Movimento único, como uma coisa só com uma única direção, começa a ser quebrada. E vai se mudando a noção de autonomia. Porque havia uma autonomia: nunca houve uma imposição para colocar o vestido. Mas essa autonomia era em relação a uma outra classe, a classe média que estava ali. Agora o desafio era "nós criamos a nossa própria autonomia". Autonomia não só em relação àquela classe. Autonomia como "uma coisa conquistada por nós através da nossa vida". Então começa essa discussão sobre o Movimento e sobre a vida.

Mas não foram só as coisas do Movimento que ajudaram isso. Não foi só a própria experiência das pessoas que estavam engajadas nesse Movimento. A própria realidade nordestina, a realidade da época, o momento que se passava, contribuiu muito para essas transformações. Esse foi o período dos 5 anos de seca no Estado do Ceará. A seca é uma realidade pesada, inclemente, modifica as pessoas. A seca não é só um problema econômico, é mais do que isso, é um problema emocional que divide as famílias. Me lembrei de um exemplo que uma pessoa levou para o rádio.

A seca: O Movimento descobre o povo fora dele

Ao falar na seca ela colocou um problema que ninguém havia pensado, que a seca veio botar as famílias para brigarem. Ela se referia aos programas de emergência do Governo que só alistava os homens da família, deixando de fora os menores e as mulheres. E o que acontecia? Aquela família ficava com um ganho muito pouco. E isso provoca uma briga, porque todos queriam trabalhar e ganhar.

Antes nós discutíamos muito o sistema, o sistema de exploração, o sistema capitalista. Mas o Governo como presença viva, mostrando a sua cara, a sua maneira de ser, era uma coisa ausente. Me lembro bem da região de Santa Quitéria, uma região imensa que sofre muito a

seca e que tem grandes fazendas; o plano do Governo atinge muito esta região porque são muitas famílias. Lá começa a se despertar e discutir a política do Governo em relação à seca. É então que se vê que é uma política que só favorece o latifundiário, atingindo as próprias instituições chamadas de defesa do camponês. Através do Sindicato é que as pessoas eram fichadas nessas frentes de emergência, fichadas com protecionismo. Em alguns casos os líderes das comunidades eram convidados a entrar no jogo em troca de benefícios pessoais. Então as pessoas começaram a perceber o que é a política governamental e ficaram enojadas. E passaram a ter uma descrença neste tipo de poder, poder que vem de fora; o que veio a fortalecer a noção que o poder que vale é o poder que a gente cria. Isto ficou patente com o que aconteceu no Trairi. Lá a seca foi muito forte e o pessoal não tinha trabalho. Além disso o plano de emergência era precário porque os camponeses eram pequenos proprietários (o plano atendia mais ao pessoal que não tinha terra). De repente o pessoal se viu com fome e com sede. Só comiam arroz: 1 kg de arroz para 8 pessoas. Era fome mesmo. Então o pessoal começou a procurar suas próprias saídas. O pessoal do lugar, não só do Movimento, cerca de 600 pessoas, resolveram invadir o açude de um proprietário ligado a um capitão da polícia. Era um poder local muito forte. Quando eles estavam lá pescando chega o capitão, com seu pequeno destacamento, dizendo que era proibido pescar ali. O pessoal argumentou que estava com fome. Então o capitão perguntou: "quem é o líder? Dê um passo para a frente para conversar". Aí alguém lá do meio da multidão falou: "não dá capitão. O senhor está na beiradinha do açude. Se esses 600 líderes forem aí o senhor acaba caindo dentro d'água. Não tem espaço". Havia aí uma pessoa muito ligada ao Movimento participando. Ela começou a refletir sobre o que tinha acontecido e depois escreveu para todo o Movimento fazendo uma série de questionamentos: o que é uma comunidade? é importante o povo que não faz parte da comunidade? como foi possível fazer este movimento com apenas um plano ligeiro e sem líderes? Isso foi uma discussão muito grande no Movimento.

Outra estratégia de sobrevivência era a matança do boi. Se matava o boi do proprietário, se comia o boi, mas o couro se entregava porque ninguém estava a fim de ter lucro. Era uma maneira de sobreviver. As próprias pessoas da comunidade levavam o couro para a delegacia e diziam: "está aqui o couro, nós não somos ladrões. Matamos o boi porque temos fome". Isso as autoridades tiveram que aceitar ou engolir.

Ainda em relação ao plano de emergência, é bom lembrar que a própria televisão dava que o Governo bolou esse plano. Isso é uma

meia verdade. Porque teve 6 meses de seca e não tinha plano. Quando o pessoal invadiu as cidades é que esse plano veio correndo. No início não se deixava que as mulheres se alistassem. Hoje em qualquer seca do Ceará se alista mulheres. As mulheres de um lugar na serra, próximo a Santa Quitéria, resolveram na marra invadir as frentes de serviço e, com isso, até hoje as mulheres são empregadas nas frentes. E os menores também. Isso foi conquistado pelo pessoal com muita briga.

Com toda esta agitação começaram a nascer palavras, como *necessidade*. As coisas também são movidas pela necessidade, como a seca veio mostrar. Às vezes nós não consideramos as necessidades. Chamamos o pessoal para uma reunião, uma reunião cansativa uma vez por semana, que vira um hábito, e onde não se discute nada de interessante. Quando as pessoas têm necessidades! Movidas pelas necessidades — no caso aqui de sobrevivência — as pessoas passaram a atuar. É como se o Movimento tivesse descoberto o povo fora dele. E na medida em que descobre que o povo que participa, que age e fornece lições de vida, faz mais que muitas pessoas das comunidades, começa a relativizar o Movimento.

Numa discussão a Luzia, uma camponesa, disse o seguinte: "o Movimento é um som que existe na realidade mas não é o único som, existem vários sons espalhados por aí e a gente tem que destapar nossos ouvidos para poder escutar".

A partir daí as pessoas passaram a refletir, a se modificar, a querer abrir o Movimento. Como disse um camponês: "não é preciso trazer as pessoas para dentro de casa. É preciso atuar em diversas direções. Vamos preservar as coisas que já existem mas não obrigar que todo o mundo dance ao som de uma música só". Começa a se perceber que há diversas músicas na realidade e diversos sons nascendo. Então o pessoal parte para fazer experiências novas. É uma das mais interessantes aconte-

O trabalho gaiato

teceu na cidade de Groairas, o chamado "trabalho gaiato". Groairas, igual a outras cidades da zona norte do Estado do Ceará, exceto Sobral, é uma cidade rural. Nela, como nos demais lugares, as pessoas usavam a reunião como meio de debater suas questões. Ocorre que ninguém comparecia a estas reuniões. Então dois camponeses começam a olhar mais a cidade; já despertados para descobrir novas formas, para criar, para inventar, porque já se havia feito a crítica

da reunião como único lugar de encontro. Percebia-se agora que as pessoas existem fora das reuniões, no futebol, na bodega... Então eles passam a freqüentar um barzinho — que lá se chama de bodega — o “Bar do Edésio”. Passam a escutar as pessoas, a ouvir, a provocar, a criar amizades. De repente as pessoas diziam assim: “Vamos reunir lá no bar”. Às vezes nas sextas-feiras tinham até 60 pessoas. E ali naquele bar não tinha assunto prévio, era qualquer assunto. Se discutia tudo: seca, Governo, homem/mulher... todo assunto.

Quando começaram a surgir problemas na cidade as pessoas foram tomando posição. Foi o caso do abastecimento de água. Este abastecimento era feito de forma muito irregular pela CAGECE. Para piorar a situação o prefeito não morava na cidade, morava em Fortaleza. Como ocorre em algumas cidades nordestinas, o sujeito é eleito em Groairas mas sua residência é na capital, a 250 km de Groairas, onde ele só vai de vez em quando. Então a cidade era inteiramente entregue ao caos.

A população bastante pobre não tinha dinheiro para pagar a conta de água. Por outro lado a cidade não tinha hidrômetro (medidor de água). Então não se podia controlar nem reclamar da conta que vinha. Era um absurdo. Então lá no “Bar do Edésio” as pessoas passaram a discutir soluções, a fazer abaixo-assinado, etc. Isso teve uma repercussão tão grande que os jornais de Fortaleza enviaram repórteres a Groairas. Aí a população denunciou que os fiscais, para cobrarem a água — parece brincadeira, mas não é — subiam na caixa d’água da cidade e olhavam por cima dos muros. Se tivesse algum verde eles achavam que se estava gastando muita água e cobravam dobrado. Então havia um sujeito, muito brincalhão, que dizia que a conta dele tinha dobrado porque os fiscais tinham visto um verde, só que era de um periquito que ele tinha comprado, não de plantação.

Essa movimentação foi produto do “trabalho gaiato” nascido no “Bar do Edésio”. Esse tipo de trabalho criou outras coisas interessantes, como o “jornalismo oral”. O pessoal se reunia e obtinha as informações do que se passava na cidade, então fazia com que estas informações circulassem oralmente, de boca em boca. Exemplo, morria um boi que tinha sido picado por uma cobra venenosa e a carne ia ser vendida no mercado. A notícia corria e ninguém comprava essa carne. Os comerciantes começaram a sentir o peso disso. Por falar em peso me lembrei de outra história. Começaram a divulgar: não compra naquela bodega porque estão roubando no peso. Divulgavam isso, o cara começou a ter prejuízo e teve que consertar a sua balança.

Então mil movimentações foram aparecendo nesse lugar. E o pessoal que inventou o trabalho gaiato insistiu no termo trabalho para mudar o conceito de trabalho, tido como aquilo feito em reunião, quando pode ser executado em qualquer lugar e dar frutos. Este foi feito com diversão, com bebida, com cachaça, sem tema preparado. O que nascia, nascia. E era engraçado principalmente se o compararmos com a organização formal de uma reunião. Esse termo “trabalho gaiato” se propagou porque essa experiência foi relatada em carta e divulgada na rádio no programa dos camponeses. E isso passou a outras pessoas que, ao ouvirem a experiência, passaram a questionar se não estavam fechadas nas suas reuniões. Isso colocava um desafio para que em outros locais se começasse a inventar trabalhos de acordo com a vida do lugar.

E outras experiências também foram nascendo. Um exemplo interessante ocorreu em Serra Verde. É um lugar — como o nome já indica — na serra, que não se tem acesso por nenhum meio de transporte. Só se pode subir a pé. É uma hora de subida. Então Serra

Serra Verde

Verde fica isolada, o que dificulta o encontro dos seus moradores com pessoas de outros lugares. Mas mesmo assim o pessoal de lá foi também varrido por este sopro de mudança, por esta busca do novo. Questionaram as reuniões e inventaram coisas para transformar a realidade em que viviam. Exemplo disso ocorreu em relação ao comércio local. Como as bodegas de Serra Verde eram poucas e, devido ao isolamento, cobravam alto seus produtos, principalmente os básicos, como o açúcar, o pessoal se reuniu para fazer compras coletivas numa cidade próxima. Com isto acabaram com o intermediário. Algumas bodegas locais fecharam, porque estavam falindo, e outras reajustaram seus preços para os compradores voltarem. Esta experiência também foi divulgada pelo rádio.

Neste mesmo lugar tem uma outra experiência, que eu vou chamar de “recuperação da cultura dos mais velhos”, que é profundamente interessante. Muito da tradição de brincadeira no Ceará, cultura popular mesmo, foi se acabando. Só os mais velhos sabiam. Então eles tiveram a idéia de juntar a juventude e começar a mostrar suas experiências. Começaram por uma brincadeira que é muito conhecida ainda hoje em Juazeiro do Norte, terra do padre Cícero, o maneiro-pau. É uma brincadeira em que se batem paus, fazendo ritmo, e se dança cantando versinhos. Os jovens se entusiasmararam e aderiram ao maneiro-pau. Então começa-se a recuperar fazeres da cultura local, como utilizar o pinhão brabo na feitura do sabão. Isso também foi divulgado para outros lugares que se sentiram desafiados a recuperar a sua história local.

Todas essas experiências provocaram um novo despertar no Movimento e, principalmente, chamaram a atenção para o seguinte: para atuar é necessário mexer em todas as direções da vida, modificando a própria vida. Essa noção de atuação depois vai ser discutida expressamente, mas começa a nascer através destas experiências práticas.

Nessa época surge, em Queimadas, uma experiência inédita que vai mexer com um assunto em que nunca se tinha pensado, as leis. Queimadas vivia, e vive, muitos conflitos pela posse da terra. Várias questões apareciam e o pessoal era sempre ameaçado. Quando havia problemas, como a derrubada de cercas de arame ou cancelas, as pessoas sempre reagiam, sem advogado, sem ninguém. Só que, de repente, o pessoal ligado aos grileiros resolve começar a agredir, a ofender, a xingar palavrão no meio das mulheres e das crianças. Isso para o camponês é muito forte. O pessoal resolve acabar com isso. Além de enfrentar os caras, resolve dar queixa na polícia por ofensas morais. E não foram orientados por nenhum advogado. De repente um grileiro daqueles ser chamado pela polícia, ele também se ofende. E aí esta questão acabou.

As causas podem mais do que as leis

Mas a partir daí Queimadas começa a pensar e a discutir sobre as leis. Para que servem as leis? O que são as leis? Nessas discussões surge uma compreensão profundamente diferente das leis, que pode ser resumida na seguinte frase: "As causas podem mais do que as leis". O que significa isso? Significa que nós não devemos agir pelas leis, mas pelas causas, por aquilo que a gente acha correto; por aquilo que a gente decidir. As leis não foram feitas por nós — dizia o pessoal — mas por alguém que tem interesse nelas. E sobre isto escreveram um livrinho: "A comunidade através da luta das suas experiências".

Esse pessoal de Queimadas trabalhou tanto nas chamadas "questões jurídicas" que começou a atender outras comunidades. Havia um conflito qualquer, entravam em contato com Queimadas que passou, em certos casos, a substituir o advogado. Isto também foi uma experiência que contaminou, provando que se deve buscar na própria realidade, nas pessoas, uma maneira de se transformar, de inventar.

Com isso o Movimento vai ampliando a noção de liberdade. Porque é importante as pessoas não atuarem de forma única, mas de acordo

com as necessidades locais e a capacidade de criação pessoal e de cada grupo. As comunidades passam a se articular de forma diferente, sentem necessidade de se encontrarem, de trocarem experiências que

estavam dando certo. Daí nasce a idéia da formação do que se chamou — e se chama — grupinhos. E como se formaram esses grupinhos? Não foi uma ordem que veio de cima. Algumas pessoas, com afinidade entre si, sentiram a necessidade de se juntarem para acompanhar o trabalho na

Nascem os grupinhos

sua região. A estrutura do Movimento começa a se apoiar nesses grupinhos, que se caracterizam pela crítica ao conceito de liderança e pelo respeito à criação do próprio povo. Esses grupinhos não têm poder de decisão. Buscam apenas animar o pessoal e estimular as discussões. Com isto a equipe — pessoal de classe média do qual eu fazia parte — muda suas funções. Num certo sentido elas foram preenchidas pelos grupinhos. Pode-se dizer que a partir deste novo tipo de organização os populares tomaram conta do Movimento. A equipe continuou, mas apenas como apoio na secretaria, onde são datilografados os textos para o pessoal, ajudando no programa de rádio, etc. Com isto a equipe quebrou a diferenciação rígida entre agente e povo. Passou a participar dos debates com suas opiniões. E acho que tivemos uma boa atuação, toda vez que a equipe dava uma opinião e a prática mostrava que era falha, dizíamos no programa de rádio. Isso ajudou também o pessoal a começar a trabalhar muito com o elemento da crítica.

A própria noção de equipe começa a modificar. A relação passou a se modificar profundamente. Aquele "respeito" que se tinha pela equipe acabou — se concordava, se discordava. E à medida que esta relação se modifica começa a mexer na própria estrutura do Movimento, que estava querendo crescer, se articular, percebendo que o mundo era mais rico.

Mas esta articulação era impossível através dos grupinhos, que não iam além do seu município. Então o pessoal criou uma outra coisa que chamou de entramelamento. Essa imagem do entramelamento — como tudo do camponês — se baseia na observação da natureza. Os cipós e os matos se entramelam uns com os outros. Um cipó sobe num pé de ateira e se mistura com ele. Isso é que é entramelamento. Então, traduzindo em uma linguagem mais universal, se-

Entramelamento

ria misturar. As pessoas se misturarem. Isso foi uma grande idéia, uma grande novidade, de uma riqueza incomensurável. As pessoas que participam do Movimento são de três regiões: serra, praia e sertão, e uns não conheciam as regiões dos outros. Havia pessoas que nunca tinham visto o mar. Então elas passaram a viajar: a serra a se integrar com o sertão, com a praia... e quem queria (quem não queria não viajava) passou a ter oportunidade de conhecer regiões diferentes. Por exemplo, a serra passou a ter a possibilidade de conhecer a região do mar, a maneira de ser do povo, a compreender por que aquela região tinha um problema X. Porque às vezes tinha um encontro geral e as pessoas não entendiam por que uma região tinha aquele problema e outra não tinha. Eles tiveram a oportunidade de conhecer a vida do pescador, do lavrador, a vida sofredora do pescador do mangue — aquele sujeito que vai apanhar um caranguejo e às vezes agarra uma cobra, é mordido e morre. Quer dizer, toda essa realidade viva passou a ser conhecida pelas pessoas. A própria realidade do que estava se fazendo.

Me lembro que as pessoas falavam muito da importância da realidade cultural. O entramelamento lhes abria muito para isso. Como um exemplo: de repente as mulheres do sertão perceberam que as mulheres da praia ficavam mais sozinhas em casa, porque o pescador saía na canoa e passava, às vezes, uma semana no mar. Então passaram a entender melhor a realidade dessa outra mulher. Elas, que já se encontravam no encontro geral, agora vão se encontrar nos locais de moradia de cada uma. Isso vai interferir nos próprios encontros gerais e na dinâmica do Movimento, porque agora as pessoas se sentem donas do Movimento. Elas vão aonde querem. E com isso vão dominando o Movimento, o articulam à sua maneira. Aí realmente há uma mudança profunda.

Esse entramelamento vai despertando a curiosidade das pessoas. Como diz o camponês: o aprender no curiá. E o que é o aprender no curiá? É aprender através de olhar o que os outros estão fazendo, das experiências. Isso vai somando e enriquecendo. Como dizia um outro camponês: "Agora o mundo não é só o nosso lugar; a gente vê que o mundo é maior, que os problemas são maiores, e a gente não se sente sozinho". E aí nasce um valor fundamental no Movimento, nasce a descoberta da amizade, que é facilitada pelo entramelamento, pelo fazer junto. Um camponês dizia o seguinte para os filhos dele: "Hoje eu sinto um orgulho deste Movimento. Porque eu nasci aqui há 38 anos, era uma pessoa deste local. Só tinha aquelas amizades. Hoje se você sair por aí, para uma região distante do sertão, da praia ou da serra e chegar em uma casa, bater e disser que é meu filho você será atendido. Porque isso são amizades que nós

plantamos. Mesmo com a diferença de opiniões, essas amizades nós temos que manter. Porque essa conquista foi nossa e ninguém vai nos tirar". Quer dizer: o Movimento ganha uma feição diferente, ganha uma feição de afetividade. Começa a ser uma coisa viva. Não é um Movimento só de luta, é também uma casa onde habita um certo carinho. As pessoas se sentem bem, abriga um certo amor e desperta certas paixões.

Essas coisas que eu estou descrevendo vão, mais tarde, possibilitar surgir um novo pensamento no Movimento. Este novo pensamento nasce da busca da preservação do múltiplo, da liberdade de cada lugar de realizar a sua experiência. O amor pelo Movimento é fruto desta liberdade, que assim foi expressa por um camponês: "Nasce esse amor porque aqui é uma casa de liberdade; às vezes mais do que na minha família, porque na minha família tem um pai e uma mãe para mandar e aqui não. Cada pessoa aqui pode mandar também".

Nessas mudanças surge um outro grupo no Movimento, os visitantes. Esse era um grupo de quatro camponeses amigos que se propuseram visitar todo o Movimento. O problema que encontraram é que, nestas visitas, usavam o mesmo tipo de intervenção que a antiga equipe. Aí o pessoal viu o seguinte: quatro cabeças não estão conseguindo pensar bem e nós não estamos sabendo o que fazer. Vamos convocar um pessoal — quem quiser vir — para pensar com a gente. E dessa convocação nasceu um novo grupo chamado "grupo da Nata".

Com esse grupo começou a se modificar no Movimento a noção de espaço e de reunião: "Nós não somos um grupo para mandar. Vamos criar um lugar onde as coisas aconteçam e onde a gente vai discutir

determinadas questões. Quem gostar disso vem". Então começa a se disseminar a noção de espaço no Movimento: espaço das mulheres, espaço dos jovens... Quer dizer, as pessoas que gostarem daquele espaço, vão. E com isso preserva-se os espaços e preserva-se também todas as pessoas. Por-

que às vezes a pessoa gosta de uma coisa e não de outra. A Nata vai ser o espaço onde o pessoal vai assumir toda a estrutura do Movimento, inclusive a financeira. O questionamento de que Nata sugeria elitismo também foi discutido entre eles, mas o nome permaneceu sob o argumento de que a nata se dissolve no leite, basta agitar a panela. E hoje a Nata é um espaço de decisão, quando se quer decidir algo para o conjunto se decide na reunião da Nata, inclusive questões financeiras.

Os visitantes e a nata

A gerência financeira do Movimento, pelos próprios camponeses, está ligada ao debate sobre a autonomia. Preocupação presente na sustentação da maioria dos encontros nas comunidades pelos próprios camponeses. Mesmo o encontro anual, que reunia todo o Movimento, era custeado por eles. Cada um trazia o que tinha: arroz, farinha, feijão, café, açúcar, além de ser responsável pelo pagamento da sua passagem. A equipe, pelo seu lado, se virava para arranjar financiamento para o seu sustento, bem como para

Financiamento (e autonomia) do Movimento

a manutenção do carro, para os cursos que ela criava e despesas de secretaria. As reuniões da coordenação também recebiam ajuda financeira, já que precisavam manter uma certa regularidade. Por esse tempo a diocese dava uma contribuição financeira. Alguns amigos da equipe também contribuíam com uma pequena ajuda. Mas houve um momento no trabalho em que a dinamização do Movimento exigiu mais verbas. Era preciso criar mais cursos, propiciar que as pessoas viajassem, se encontrassem com mais frequência, se reunissem mais. Os gastos de secretaria tiveram também um incremento enorme com a impressão de livrinhos, folhinhas e circulares. A própria equipe sentiu a necessidade de viajar mais pelas comunidades para conhecer as pessoas, os problemas. E os recursos nossos e do pessoal estavam no limite. Foi então que partimos para a elaboração de projetos para as agências de cooperação internacional, o que nos permitiu desenvolver, com relativa folga, as atividades que precisávamos. Todo o contato com as agências, elaboração dos projetos e controle das verbas era responsabilidade da equipe. Com essa verba passamos a financiar algumas reuniões extras do pessoal, cursos (pagamento de passagens e alimentação), viagens dos lavradores, reuniões da Nata e visitantes.

Nós controlávamos toda a saída de dinheiro e, no Encontro, prestávamos conta de todo o movimento financeiro. Essa prática sempre existiu, mesmo antes dos projetos; a equipe sempre apresentou o balanço financeiro. Esse sistema de botar o balancete na parede era ainda, no meu modo de entender, uma reprodução do sistema capitalista. Você prestava contas ao pessoal, que podia opinar na questão financeira, mas eles não sentiam aquilo como sendo deles. A gente até que pelejava para que o pessoal se responsabilizasse pelo dinheiro do Movimento, que sentisse as dificuldades para arrumá-lo, mas isso não ocorria.

Aí foi se criando uma tensão entre quem estava e quem não estava com o dinheiro. Por mais que se prestasse contas, falasse, expusesse

tudo às claras, havia uma certa desconfiança. O pessoal pedindo mais, você sentindo que eles estavam avançando demais, e eles achando que a gente estava segurando o dinheiro. E foi um pouco por causa dessa tensão que a gente resolveu passar a bola. E também em função da percepção que a gente teve de que estava fazendo igual a qualquer instituição. Porque estava ocorrendo como em todos os outros trabalhos. A equipe controlando o dinheiro, o pessoal desconfiando da equipe, e ela se sentindo pressionada, quer dizer, a relação foi ficando ruim.

Por essa época o Movimento vinha modificando sua estrutura organizativa. A coordenação deixava de existir e se criava — como acabei de falar — os visitantes, com um planejamento próprio de trabalho, independente da equipe. Os visitantes se achando um grupo pequeno para trabalhar no Movimento convocaram mais pessoas, e daí nasceu a Nata, um grupo aberto (qualquer pessoa podia participar) disposto a pensar e assumir o Movimento. Foi nessa conjuntura que nós resolvemos entregar o dinheiro aos camponeses para que eles decidissem o que fazer com ele. A parte referente às despesas com equipe e secretaria (compra de papel, mimeógrafo, etc.) ficava com a gente, mas toda verba referente ao trabalho popular, que envolvia cursos, passagens, encontros, visitas, grupinhos, passou a ser controlado pelos camponeses. A primeira reação do pessoal foi de um certo medo de controlar o dinheiro. Muita gente dizia: “camponês não entende de dinheiro”; “camponês nunca teve dinheiro na mão, não pode refletir sobre isso”. Outra idéia era de que o dinheiro é maldito, que corrompe quem lida com ele. Havia também uma desconfiança que um grupo tão grande e aberto, como era a Nata, não conseguiria controlar o dinheiro, que talvez fosse melhor mesmo a equipe tomar conta, já que éramos apenas quatro pessoas. As discussões e decisões financeiras ocorriam nas reuniões da Nata. E surgiram vários problemas. Por exemplo, o grupo de Itapipoca, que participava do Movimento, mas pertencia a outra diocese, não se achava no direito de usar o dinheiro porque tinha sido Sobral a conseguir a verba. Foi com muita discussão que se conseguiu combater essa idéia. O dinheiro na mão dos camponeses, e sendo discutido abertamente em grupo, forçou as pessoas a perderem o pudor e assumirem as suas posições claramente. Você tem que se soltar, se abrir, colocar as suas posições, porque depois de tomada a decisão não se pode mais botar a culpa na equipe. Eu acho que isso foi um grande avanço para as pessoas assumirem a sua postura. E pela primeira vez eu vi aparecerem as críticas pessoais que ficavam escamoteadas. A questão financeira foi se tornando mais clara, mais transparente. Mas tinha que se achar alguns critérios básicos e se pelejou muito. Os próprios camponeses definiram critérios de emprego do dinheiro. Este deveria servir para financiar as atividades dos grupinhos (viagens, encontros, entramelamentos). Os gru-

pinhos faziam o seu planejamento e decidiam a quantia a ser retirada. E também o dinheiro deveria cobrir todos os encontros e custos gerais do trabalho; encontro das mulheres, dos jovens, da Nata. Nós éramos meros repassadores do dinheiro. O grupo requisitava e a gente entregava. Isso porque o dinheiro ficava aplicado no banco em Sobral, porque não podia ser descentralizado senão não rendia. Mas na reunião da Nata, os grupos tinham que trazer o planejamento do que iam gastar durante o ano. O pessoal fazia o seu planejamento nos seus lugares e trazia para a reunião da Nata. E aí na reunião todo mundo tomava conhecimento do emprego do dinheiro.

Cansou de haver confusão e o pessoal vinha nos procurar. Eu dizia: "não tenho nada com isso". E inclusive tinha um documento escrito que eu guardei e nestas ocasiões mostrava "olha aqui, isso é que foi resolvido na reunião da Nata". Então foi quebrando e o pessoal foi resolvendo mesmo na reunião qualquer confusão. Por exemplo, no tempo da inflação acelerada — agora deve ter mudado isso —, foi determinado que as pessoas não poderiam gastar o capital, só a correção monetária e os juros. Isso foi uma discussão: tinha gente que achava que sim, outros achavam que o dinheiro era maldito e que tinha que ser gasto. Mas como se resolveu viver da correção monetária e do juro, tinha que se fazer um planejamento e tirar o dinheiro quatro vezes ao ano, tinha que resguardar o capital. Isso foi uma decisão de setenta pessoas, então isso tinha que se cumprir. Uma vez, por exemplo, que o orçamento foi além da verba, foi discutido e o orçamento foi refeito.

E nunca mais deu problema, mesmo com toda essa liberdade. O controle é coletivo, e não corre o perigo de um grupo só dominar porque a reunião da Nata é aberta. Qualquer um tem o direito de chegar lá e reivindicar uma ajuda para o trabalho que está fazendo.

Algumas pessoas até aprenderam a fazer projeto conosco. Foi determinado em uma reunião da Nata que uma comissão iria aprender a fazer projeto. Ia quem quisesse, tudo no Movimento é assim, vai quem quer, quem tiver mais gosto para isso. E nós ensinamos e eu tenho certeza que alguém aprendeu. Inclusive já fizeram projetos. Foi decidido coletivamente que era importante eles dominarem essas coisas para não dependerem da equipe. Antes não se aprendia porque havia um medo de se corromper; "as coisas que não são da vida do lavrador..." Na medida em que essa noção de pureza foi derrubada, o pessoal passou realmente a aprender muita coisa.

O que é interessante é que todos os avanços do Movimento se deram na prática efetiva. Por exemplo, o Movimento era muito rígido e

quando começou a se abrir, de uma forma cada vez maior, as coisas ficaram um pouco confusas. O que é natural. Essa confusão correspondia ao estágio do processo naquele momento. Por exemplo: as pessoas chegavam para uma reunião e estranhavam que não houvessem regras fixas. E, às vezes, dava bagunça mesmo. Quando aquele processo passou a incomodar os demais, houve um contramovimento, uma reivindicação daqueles que estavam desgostosos com esse tipo de atitude e contestavam essa relação. Nesse choque, nesse embate, é que as coisas foram se arrumando no sentido de se respeitar e recriar uma situação onde a convivência das diferenças fosse possível.

Eu tenho a impressão que na relação com o dinheiro acontece alguma coisa similar. Ou seja, num determinado momento há um certo espanto, você não sabe como fazer as coisas, o próprio dinheiro se torna, talvez, num primeiro momento, muito rígido, porque você tem que controlar alguma coisa que sempre cria problemas, que é delicada, que sempre fica na mão de quem domina. Eu acho essa questão do dinheiro fundamental nessa história, no sentido de que raramente o movimento popular controla as finanças. Esses mecanismos financeiros estão sempre nas mãos dos chamados agentes, de pessoas que têm o domínio da contabilidade, o contato com agentes nacionais e internacionais e coisas desse tipo. Então eu acho que inclusive pedagogicamente, já que a gente está falando de educação popular, essa forma de conduta é fundamental. As coisas se realizam numa prática concreta e é ela que vai determinar rearranjos, fazendo com que algumas pessoas caiam fora, que outros entrem, etc.

Mas o importante é que se consiga criar e estabelecer um código e que as pessoas possam conviver com esse código. Um código que seja comum a todos ou que satisfaça mais ou menos aquele agrupamento.

É interessante que muito poucos acreditavam que esse sistema de controle financeiro pelos camponeses pudesse dar certo. Inclusive tinha um padre, que ajudava na aplicação do dinheiro do Movimento, que dizia: "esse método não vai dar certo, 50, 70 pessoas para decidir sobre o dinheiro". E no fim ele disse: "tiro o meu chapéu, não sei como é que esse povo conseguiu".

O pessoal foi inventando e criando mecanismos de controle do dinheiro. Mas também apareceram as tendências individuais que enriqueceram o processo. Por exemplo, o Abdias é supercontrolado e organizado na questão do dinheiro, então ele sempre numa reunião fica com o dinheiro, faz compra... Ninguém nomeou ele para isso,

mas como ele tem facilidade, ele assumiu. E assim surgiram muitas pessoas que ajudaram os outros a refletir sobre dinheiro, sobre contabilidade, porque têm facilidade.

Enfim, ninguém imaginava que o pessoal criasse formas próprias de controle, organização e distribuição desse dinheiro fugindo às formas tradicionais que existem, por exemplo, de nomear uma diretoria com tesoureiro, etc. E hoje em dia toda essa questão financeira está nas mãos do pessoal que vive discutindo no sentido de que todos se responsabilizem pela questão financeira e vendo nessa luta uma maneira de transformar e romper com as relações existentes na sociedade.

Houve um momento, em toda esta história, em que a equipe já estava perdendo a sua função e o controle do Movimento estava passando para as mãos dos camponeses. Então havia um certo impasse

A individualidade no coletivo

nas reuniões. Havia encontros em que se ficava parado meia hora sem ninguém falar, ninguém queria dominar. Com medo de dominar as pessoas acabavam omitindo suas opiniões. Ninguém se sentia livre para opinar. Daí nasceu uma discussão sobre o que é dominar. E a palavra dominar

que era usada mais num sentido pedagógico, foi debatida a fundo. Também se discutiu muito a diferença entre dominar e assumir. Com essa discussão a palavra assumir foi muito trabalhada. E, é evidente, teve várias linhas de interpretação. Para alguns, o grupo é que tinha que assumir e, assim, se chegaria a certas normas. Por exemplo: colocação do tema, organização de um encontro, a diretiva de um encontro, etc. Outras pessoas achavam que não. O assumir tem que ser o assumir de cada indivíduo. A responsabilidade é de cada indivíduo. Se eu me sinto livre — e aí juntou-se com a discussão de liberdade, que era uma discussão muito viva no Movimento — eu não tenho que estar preocupado se domino ou não domino. Eu assumo minha opinião e, se por acaso eu domino, outro colega que venha me criticar. Então, para mim, a discussão do assumir colocou, de forma embrionária, a questão da importância da individualidade dentro do coletivo. Quando me refiro a individualidade não estou falando de individualismo, mas do ser da pessoa, da pessoa assumir o seu processo, as suas coisas, e colocá-las dentro do conjunto, no sentido dela ajudar o conjunto e ser ajudada pelo conjunto.

Esse processo de coisas acontecendo, essa movimentação toda, essa multiplicidade de experiências — tanto experiências feitas nos locais

como a nível da estrutura do Movimento —, tudo isto ocorrendo, afeta também as pessoas que estão dentro dessas experiências. Vivendo a experiência, sendo parte integrante dela, as pessoas passam a se modificar; os seus valores passam a sofrer a interferência desse conjunto de coisas que elas mesmas estavam experimentando. Elas eram os atores na história desse processo.

Nesse momento do Movimento observamos que as pessoas passam a ser atingidas internamente. Começamos a sentir que as pessoas passam a discutir mais; a rever, a cada passo, os seus problemas, e a fazer modificações em termos do seu próprio comportamento. E passam a expressar e a trocar entre si. Então a gente começa a observar modificações ocorrendo entre as próprias pessoas. E isso passa a ser uma discussão gigantesca, que transparece nas cartas e vêm para o programa de rádio. E dessa época cartas dizendo que, para haver libertação, é preciso que a pessoa antes se liberte. Isto porque as pessoas põem para dentro as prisões que têm no mundo. E dessa época também a seguinte observação de um camponês: “Eu quero saber se a libertação começou na casa dele. Enquanto eu não conhecer a casa dele eu não sei se ele se libertou”. A preocupação é que o sujeito também se transforme; que ele sofra transformações, para não cair só no discurso, no discurso sobre uma realidade da qual ele permaneça imune.

Neste conjunto de coisas acontecendo, toda a estrutura se modificando chegando a tocar internamente nos indivíduos, também algumas coisas que eram sagradas dentro da realidade nordestina passaram a

ser — como diz o camponês — cutucadas, mexidas, questionadas. Começa-se uma discussão sobre normas, sobre aquilo que o Movimento deu o nome de normas. E o que são essas normas? São regras necessárias a qualquer organização, sem as quais temos o caos.

Desta constatação surgem duas opiniões. Pessoas que acham que devia ter leis únicas para todos. E pessoas que acham que as normas nascem de acordo com a necessidade; que as normas não devem ser preestabelecidas. As normas de um encontro nasceriam naquele encontro; amanhã aquele encontro muda, mudam as normas. As normas dos grupinhos nascem com os grupinhos. Então as normas não seriam leis rígidas; seriam um consenso a que as pessoas chegariam num determinado momento. A gente até podia usar a expressão: as normas são descartáveis. Hoje você chega à conclusão que a estrutura tem que funcionar assim; amanhã você pode jogar fora estas normas e criar outras.

As normas e a moral

No meu entender, por trás da discussão das normas, tem duas questões de fundamental importância. Uma sobre a verdade. Para o Movimento a verdade única perdeu sua validade. Aquela verdade que já vem preestabelecida, que todos seguem para chegar à libertação, ficou muito questionada. A verdade passa a ser mais relativa. Não é algo que você monta para chegar onde você imaginou que chegaria. A outra questão — e quem já morou no Nordeste, ou já teve contato com a realidade nordestina, sabe disso muito bem — é que na medida em que se discute normas toca-se também na questão moral. A moral com suas leis rígidas, com sua cultura conservadora, tenta enquadrar todo mundo no mesmo código. Ou seja: todo mundo tem que fazer as coisas da mesma maneira, tem que obedecer às mesmas leis por uma questão moral; moral que é ditada pelas instituições que estão aí. Essa questão, no meu modo de entender, em termos do Ceará, se não for enfrentada nunca vai se fazer o novo. Se não se modificarem as relações estabelecidas pela moral nunca vai nascer uma coisa diferente das que já estão estabelecidas pelas leis vigentes na sociedade.

E quando se fala em moral está se falando também da Igreja, que é um órgão atuante, com seus valores e seus códigos. No início do Movimento, quando o modelo vinha só da Igreja, havia uma rigidez muito grande na formação das comunidades. Se de um lado a Igreja colocava suas leis, por outro lado os camponeses também as aceitavam. E mais do que isso, se alguém as feria os próprios camponeses se tornavam os guardiões delas, expulsando os infratores. Os exemplos são vários: só podia participar da comunidade quem era casado no padre; quem não era batizado não podia participar; só podia ser dirigente quem freqüentava a missa; uma pessoa que o marido largasse era malvista pelos próprios camponeses. Eu me lembro de uma menina que era muito viva e queria participar das comunidades, mas passou a sofrer uma pressão muito grande, por parte dos camponeses, porque o marido tinha ido embora. E nós demos força para esta menina participar. Mas o peso da moral foi tão grande, o peso do conservadorismo tão grande, que ela não agüentou com as piadas em cima dela e desistiu. Essa moral que o Movimento tinha estava muito ligada ao modelo que a Igreja apresentava. E essa moral paralisava as pessoas. Estava envolta num purismo muito grande. E, no meu modo de entender, esse tipo de moral conservadora atrapalha um trabalho em todos os aspectos. Primeiro, ela mata a individualidade, porque todo mundo é enquadrado em normas e em leis, não havendo lugar para a criatividade. Se você preenche esses requisitos, você entra; não preenche, não entra. Ora, se você não quebrar com isso quando é que você vai discutir a pessoa dentro de um processo? Nunca. Outra coisa é o problema do purismo. Isso se reflete até em outros conceitos. Por exemplo: o ser camponês; camponês passa a ser herói. Enquanto isso o

pequeno comerciante, como nós já vimos neste texto, não pertence à classe. É o vilão. Para mim isso está ligado também a esta questão moral.

Então torna-se uma questão política importantíssima o trabalho em cima disso. E tanto é que, no Movimento, quando essas coisas começaram a ser rompidas surgiram os conflitos com a Igreja. Quando o Movimento estava descobrindo o problema da exploração do rico a Igreja até aceitou. Mas quando o Movimento começou a questionar determinados valores a Igreja reagiu. Discutir a opressão pode, mas discutir o que é felicidade, o que é casamento, que importância tem o casamento ou que importância têm as pessoas dentro do casamento, é perigoso. Como é perigoso dizer que o importante não são as instituições mas a felicidade. Isso passa a mudar a cabeça de muita gente. Como disse uma mulher: “A gente passa a nascer de novo”. Quer dizer, sai de dentro do peso de uma moral conservadora. E aí muitas modificações acontecem.

O Movimento com essa moral conservadora, com esse purismo, com esse modelo copiado da Igreja, afastava muito as pessoas. Na medida em que abre, há uma renovação interessante. Muita gente passa a se aproximar do Movimento. Pessoas com outras histórias de vida. Aí o Movimento sofre outras influências e vai quebrando muita coisa. Era proibido beber por exemplo. Não que houvesse — como sempre — um decreto. Mas as pessoas que faziam parte das comunidades consideravam a bebida — seja em que nível fosse — um pecado, uma coisa negativa. Ora, isso afastava muita gente porque a maioria da população gosta de beber. Quando nos encontramos as pessoas começaram a levar a bebida, a cachaça, e passou-se a beber em conjunto, muita gente foi se aproximando. E o Movimento foi ficando mais real. Em que sentido? Quando você olha os trabalhos de comunidade e olha as pessoas vivendo suas vidas, você vê uma diferença muito grande. O Movimento foi se aproximando mais da vida das pessoas nos seus lugares. O que se fazia nos lugares se fazia no Movimento também. Alguém até disse assim: “O Movimento é continuação da nossa vida; e antes não era. Antes era uma coisa separada. Quando a gente vinha para cá era uma coisa toda organizada e agora não. A gente se sente em casa”. Porque o Movimento começou a quebrar com aquela moral rígida que ele mesmo introjetou, que o Movimento também ajudou a criar. A partir daí as mínimas coisas passaram a ser modificadas. E os encontros, evidente, adquiriram formas diferentes. Nos encontros, o coordenador perdeu importância; as pessoas decidiram coordenar e o encontro aconteceu de uma forma mais livre e sem problemas. Me lembro que a discussão era: encontro livre e encontro não livre. O encontro livre, sem coordenação e sem horário

rígido, passa a render muito mais e a provar, na prática, a sua eficácia. E as pessoas vão gostando disso. As brincadeiras que antes eram coisas bem estruturadas, bem organizadas — tinha horário para brincar — caem por terra. Todo mundo brinca, todo mundo dá piada, se introduz a dança e o forró. As coisas da vida, as brincadeiras que o próprio povo praticava nos seus lugares, foram trazidas para o encontro. O encontro unia o trabalho com toda uma diversão, com o lazer. E se passou a discutir a importância da brincadeira, a importância do lazer.

Igreja e Movimento

Neste momento, quando a Igreja percebe que está perdendo o controle sobre o Movimento, começa a criticar. Começa a pressionar de várias maneiras. Por exemplo: Como alguns encontros eram em prédios da diocese e o que estava ocorrendo feria a noção que a Igreja tinha do comportamento das pessoas nestes eventos, passou a criar dificuldades para a sua realização. Isso foi ótimo porque o pessoal começou também a questionar a sua dependência: por que tudo tem que vir da Igreja? E começaram a buscar outros lugares de reunião. Por exemplo: o encontro das esposas saiu da Meruoca — local onde tinha um centro de treinamento da Diocese — para debaixo dos cajueiros das comunidades. Isso passa a ser uma coisa rica. Vários lugares passam a oferecer condições para encontros.

Esta pressão da Igreja continuou muito forte: algumas pessoas da Igreja achavam que o Movimento podia virar uma Sodoma e Gomorra e o pessoal resolveu enfrentar isso nas suas paróquias e nas reuniões gerais. Na verdade se começou a perceber que esta nova forma de organização ia quebrando as normas que a Igreja traçou para o trabalho popular. E o pessoal começou a enxergar que o choque era aí, e não apenas quanto ao problema moral. Que o choque era porque o Movimento estava escapando ao controle da Igreja. Quando se percebe isso fica muito forte a defesa do Movimento.

O Movimento já tinha desafiado vários princípios, inclusive não tinha uma representação de classe média ou eclesial para participar nas reuniões gerais da diocese. A Igreja tentou colocar um representante de fora, um padre, mas não foi aceito pelo pessoal. A essa altura era muito difícil domar o Movimento. Inclusive porque ele tinha conseguido mexer em um conceito sagrado de diocese, que foi ter atingido Itapipoca, que é outra diocese. E várias pessoas de Itapipoca

participavam — e participam até hoje — do Movimento. O Movimento quebrou as fronteiras geográficas da Igreja, quebrou com o conceito de diocese. Mas apesar disto, ou por isso mesmo, a Igreja exigiu um representante. Então o pessoal resolveu o seguinte: “quem nos representa somos nós”. Houve uma discussão e surgiram duas posições: uma de romper com a Igreja, outra de atuar com todas as forças existentes, porque a realidade do mundo é essa. Essa última posição venceu. E o pessoal imprimiu, pela primeira vez, um tipo de representação que não existia dentro da regra eclesial. Em todos os outros movimentos ligados à Igreja os representantes eram os leigos responsáveis, no caso do Movimento, os próprios lavradores. Estes responsáveis deveriam ser duas pessoas fixas. Mas o Movimento não aceitou, respondeu que o Movimento não tinha dono, e que a cada reunião iriam pessoas diferentes. Aí houve um choque muito grande, mas foi absorvido pela Igreja e pelo Movimento. Inclusive, depois destes choques todos, o Movimento se impôs já contando com o apoio do Bispo Diocesano. E o Movimento, com isso, criou a sua representação de camponeses, com critérios próprios, dentro do mundo eclesial.

Com essas modificações o povo — como dizia o camponês — “foi criando outro movimento dentro do movimento que já existia”. Quer dizer: o povo foi imprimindo sua marca em todos os níveis. Uma das poucas coisas que não tinha a marca do povo era a frase do programa de rádio: “Salvar o homem do nordeste é libertá-lo da sua escravidão”. Essa era uma frase da CNBB em um dos encontros regionais do nordeste. A música do programa também não tinha sido escolhida pelo povo. Então houve uma movimentação muito interessante, se fez uma espécie de concurso para criar uma nova frase e uma nova música para o programa. Devem ter vindo mais de mil frases e sugestões de música. Depois de tudo recolhido, levou-se para um encontro e viu-se qual a frase e a música que tinha tido mais votos. E ganhou uma música nordestina de forró e a frase de um camponês que dizia assim: “camponeses, unidos seremos fortes e fortes venceremos”.

Então os camponeses foram tomando conta de tudo e tudo modificando de acordo com sua maneira de ver e sua cultura. Essas modificações foram atingindo o trabalho e o pessoal começou a discutir as relações de poder dentro do Movimento. A preocupação fundamental era evitar que se reproduzisse no trabalho a organização da sociedade. A frase do Benedito Tonho, um camponês, sintetiza o teor da discussão neste período: “o sistema não está pendurado só em cima. Ele também

O Movimento ficou elástico

está dentro de nós". Esta discussão se centrava no controle. É necessário, ou não, ter o controle do Movimento? O controle é de alguém, de um grupo, do conjunto, ou ninguém controla? E quando alguém se lamentou que o Movimento estava perdido, que ninguém estava mais sabendo de nada, veio a fala do Bastião: "nós estamos viciados porque antes a gente dominava tudo. Agora o Movimento ficou elástico e nós não temos mais controle. E por isso nós nos apavoramos. Mas se você for andar no interior você sente toda a discussão, você sente a presença do Movimento. Apenas você perdeu o controle; nós perdemos o controle". Eram pessoas da antiga Coordenação, lavradores que eram fundadores do Movimento, que falavam assim. Lançou-se então o conceito de "elástico" no Movimento. Lançou-se a discussão contra o controle rígido.

Nessa época também passa-se a discutir o objetivo do Movimento, a libertação. Libertação de quê? de quem? que objetivo era esse? por que ter uma coisa a priori onde todo mundo devia chegar? É dessa época a frase de um lavrador, o Raimundo, que diz o seguinte: "a gente precisa mudar as coisas que estão embaixo dos nossos pés. Não ficar só lutando para mudar um sistema. Quando a gente vê que nada muda no sistema a gente desanima e vai embora. É preciso a gente modificar as relações de poder, de exploração, onde a gente vive. Isso a gente pode fazer". Então começa uma crítica ao objetivo, porque a fixação do objetivo amarra as pessoas a um lugar preestabelecido onde todos devem chegar. Se a verdade já está dada é só fazer o caminho para conseguir atingi-la. Isso passa a ser muito questionado.

Também passa a ser questionada uma coisa sagrada, no meu modo de entender, no movimento popular: o conceito de união. Porque todo movimento é feito em cima do "vamos unir". Unir a classe sofredora, a classe explorada. Começa-se a questionar que o conceito de união é uma coisa perigosa. No fundo ele vira unanimidade. Todo mundo

tem que estar unido em torno de uma coisa e com isso abafa-se as discussões internas, abafa-se as divergências, abafa-se as diferenças de opiniões. É todo mundo unido com a intenção de preservar a força da classe. O questionamento era: "até que ponto esta união não está nos colocando um cabresto?" Unir todo mundo à

força, na marra, não constrói nada diferente. Aí nasce o debate sobre o convívio das diferenças, para você viver em conjunto você tem que conviver com as diferenças. Não é procurar a união feita, como dizia um camponês, "atrás do porrete da aroeira". Então o conceito de união

A união e o convívio das diferenças

começa a cair e as pessoas do Movimento começam a se atirar para a realidade e para a vida; começam a fazer experiências em outras coisas. Entram para sindicato; uns criticam e saem, outros ficam. Alguns, em número menor, entram para partidos políticos. As pessoas começam a se atirar no mundo, a fazer experiências, a somar estas experiências. E o Movimento começa a ser aquele lugar que dá liberdade para as pessoas poderem se exercitar.

Tudo isto acontecendo sepultou de uma vez por todas aquela divisão do início do Movimento entre consciente e alienado. Hoje eu acho que mesmo nas diversas tendências do Movimento ninguém mais aceita esta divisão. Porque depois de todas essas experiências, perguntou-se: consciente de quê? alienado de quê? foi a grande pergunta. Todo mundo é consciente e todo mundo é alienado. Porque todo mundo é consciente e alienado de alguma coisa. Essa foi uma discussão no meio popular. E morreu esta divisão entre consciente e alienado.

O Movimento, depois disso, passou a ser respeitado na Igreja como um movimento com cara própria. Hoje se fala nos movimentos de Igreja: círculo bíblico, carismático, etc. e o Movimento do Dia do Senhor. Todo mundo diz: esse é um movimento próprio. Outros ainda não gostam porque acham que é um movimento muito autônomo. Seja como for o Movimento se impôs e as pessoas que trabalham nele percebem que elas são o mais importante do Movimento, porque são elas que inventam e criam. E cai por terra, mais uma vez, o modelo pronto, o modelo pré-fabricado. É através de tropeços e acertos que o Movimento vai sendo construído. O elemento da crítica é ainda mais revalorizado: o Movimento tem que ir seguindo o seu caminho e ir refletindo sobre os seus momentos. Aí nasce uma nova história do Movimento, história que até hoje lhe dá a sua cara própria. Começam a nascer novas palavras, expressões, conceitos, criados pelo próprio pessoal. É desta época a discussão sobre o gostar: é importante que as pessoas descubram o seu gostar, descubram o seu prazer. Se começa a perguntar e se descobre que várias pessoas não queriam ser lavradores. São lavradores obrigados. Outros não: adoram ser lavradores, independente da questão da exploração econômica. É dessa época um texto do Antonio Pires que se chama "Normas de profissão" onde ele critica a especialização, se perguntando por que todo mundo tem que ser especializado nisso ou naquilo. Eu posso gostar de lavoura mas posso gostar de outra coisa; e posso gostar de várias coisas.

É dessa época, também, uma carta do Benedito Tonho falando sobre os dons: "é importante você lutar, é importante você responder às necessidades. Mas é importante que todos estejam atentos para poder

exercer seus dons, para poder descobrir o que é que a gente gosta, qual é o dom que a gente tem. Uma vez descoberto isso, poder utilizar esses dons a serviço do grupo, do coletivo". Então as pessoas começam a fazer experiências pessoais. Por exemplo: tem gente que descobre que gosta do assunto referente às leis e passa a se preocupar com isso; passa a ser um "advogado popular". Este tema começa a mexer com todas as pessoas. Refletindo sobre isto agora eu penso que a história dos dons também contribuiu para ir quebrando o conservadorismo da própria cultura. Porque teve uma mulher, a Conceição, que levantou o seguinte: "a gente diz que nasceu assim e morre assim porque não desenvolveu os seus dons". Então discutiu-se sobre o destino, sobre a repressão das pessoas, sobre a felicidade... E apareceram textos em todas essas direções. Inclusive assuntos que nós chamaríamos — dentro da nossa cultura acadêmica — de filosóficos. Teve um cara, o Antônio Pires, que escreveu sobre o mundo do ter: "todo mundo só quer ter, só quer ganhar, só quer pisar nos outros. A medida do ter não enche nunca".

Nessas transformações todas existem noções que, independente das diferentes linhas de pensamento, passaram a ser conquistas do Movimento. Uma delas, hoje, é uma espécie de produto, de filha do Movimento, é a noção de trabalho. Antes o trabalho só era concebido como

ligado à produção econômica. Isto era reforçado pela atuação do Movimento nas comunidades. Porque no início a gente só se reunia para discutir as questões colocadas pela relação de produção. Com todas as experiências sendo feitas no Movimento, com todo esse desafio de inventar, as pessoas

começaram a ver que haviam várias maneiras de fazer as coisas e que as coisas se integravam em seu conjunto. Logo o trabalho não era só produção econômica. Trabalho é você modificar a família, é você se modificar, são suas relações no lazer... Trabalho passou a ser sinônimo de transformação da vida. Trabalho ficou muito ligado à transformação; tudo que você transforma exige trabalho. Isso foi muito importante no Movimento porque permitiu aos grupos e às pessoas a liberdade de inventar. E o desafio era para que as pessoas comessem a inventar novas formas de trabalho.

Na história do Movimento uma posição muito marcante é a preocupação com o não excluir as pessoas com posições diferentes. Uma coisa importantíssima no Movimento é o permitir que existam diversas opiniões, diversas maneiras de pensar. Isso foi uma conquista do trabalho e as pessoas têm orgulho disso, de nunca terem eliminado ninguém. Quem saiu do Movimento saiu por conta própria.

Foi incentivando a invenção, a criatividade e convivendo com as diferenças de opiniões que o Movimento chega à noção do coletivo. A palavra coletivo surgiu para definir a vivência dos grupos da Nata, das mulheres, dos jovens, dos grupos paroquiais. Grupos que se reúnem por afinidade e também por amizade, com liberdade para inventar, valorizando a individualidade de cada um e aprendendo a conviver com as diferenças.

Mas não foi assim de repente que ficou clara a idéia de coletivo. Como tudo que acontece no Movimento, foi com muita discussão. As pessoas se perguntavam: "O que é coletivo? Tudo é coletivo? Todo mundo que se junta é coletivo?" Houve até essa pergunta engraçada: "Um ônibus é um coletivo?" Aí outros respondiam: "Um ônibus não é coletivo, ônibus é ajuntamento". "A pessoa quando vai ver futebol é coletivo?" Houve a seguinte resposta: "Não, porque todo mundo fica parado olhando e ninguém conversa". Então ficou claro que para ter coletivo precisa haver conversa entre as pessoas. E teve um cara que já tinha morado na cidade que questionou o seguinte: "E quando está todo mundo num banheiro, às vezes todo mundo conversa. Isso é coletivo?" "Não, porque as pessoas conversam ali e vão-se embora. Para ter coletivo é preciso de uma troca sempre". Uma troca constante de idéias. E por trás das idéias estão as pessoas.

Então começa a discussão da individualidade. É importante que as pessoas se assumam com liberdade e com opiniões próprias. É na discussão dessas diversas opiniões, destes diversos valores, que você vai somando. Das várias opiniões diferentes e da tensão que isto provoca — o lavrador chama de briga — é que nascem os coletivos. Daquela briga de amizade — porque o coletivo só existe onde existe amizade, afinidade — é que vão nascer as opiniões do conjunto.

Mas aí alguém perguntou: "E o Movimento é um coletivo só?" E uma pessoa respondeu: "Veja no que dá o sindicato e os partidos políticos amarrando todo mundo numa idéia só. O Movimento são diversos coletivos porque são diversas pessoas e também as realidades são diferentes".

Toda essa discussão do coletivo contaminou o Movimento e continua atualmente. Aqui transcrevo um escrito do Abdias, que veio jogar lenha nessa discussão: "O nosso objetivo deve ser comum, isto não significa que tenha que ser do mesmo jeito, quer dizer que cada um pode pensar com a sua própria cabeça, pode colocar a sua idéia, o seu pensamento, mais mesmo assim podemos formar um coletivo, acelerando as pessoas como elas são, um exemplo, as pessoas sentem a

necessidade de se encontrarem para baterem um papo, para trocarem idéias, para discutir um problema, mesmo que o problema não nos atinja, mas nós podemos discuti-lo e procurar uma forma de ajudar o nosso companheiro, que ele faz parte do nosso coletivo. Numa reunião pode ser tratado vários assuntos, conforme o que teja nos entereçando no momento, o pensamento da gente é com uma sintonia que a gente mesmo pode mudar, e deve mudar cada vez mais, se não envelhece e até chega a morrer, e esta mudança deve acontecer com quem gosta de bater um papo franco e aberto...”

Na medida em que se discutiu esses coletivos passou-se a perceber então, de uma maneira clara, a noção de espaço dentro do Movimento. Se o Movimento não é partido político, se não pertence a uma instituição, se não é um sindicato, se não é uma coisa nele mesmo, o que ele é? O Movimento é a oportunidade de oferecer às pessoas espaços de participação. Espaços esses a que já nos referimos (espaços de jovens, espaços da mulher, etc.). Com a noção de coletivo essa noção de espaço fica mais clara.

Então alguém perguntou: “E a bagunça?” Uns ficam para cá, outros para lá, uns em cima do pau, outros olhando o bode... Nessa discussão começaram a surgir as respostas. O Movimento são diversos coletivos; não é um coletivo único. A noção de coletivo único foi quebrada. A noção de um fazer único foi quebrada também. Porque as pessoas são diversas e a realidade também é diversa. Mas o que junta isso é a liberdade.

A casa do Movimento é uma casa que junta as pessoas respeitando as diferenças. E essa casa permite a liberdade das pessoas se exercerem com suas diversas tendências. Um exemplo interessante. Teve uma reunião da oposição sindical com pessoas do Movimento. Note-se que nesta reunião havia gente do Movimento de diversas tendências, inclusive pessoas que pensavam igualzinho à oposição sindical. Estavam todos reunidos para ouvir uma proposta da oposição sindical numa determinada região. O pessoal da oposição disse: “você podem fazer o seu programa de trabalho”. Mas o pessoal do Movimento tinha uma noção de trabalho e liberdade diferente da oposição sindical. A oposição tinha a sua proposta na cabeça mas não disse. Disse que eles podiam ter a liberdade de fazer o programa e aí pegar o dinheiro para agir de acordo com as suas necessidades. Só que o pessoal do Movimento fez um programa que não incluía só a atuação no sindicato: incluía entramelamento, visitas aos outros, trazer grupinhos para discutir outras temáticas. Enfim, uma programação diversificada. Quando essa programação foi colocada as pessoas da oposição disse-

ram: “Não, nós fizemos uma proposta para atuação no sindicato e vocês vieram com outra proposta”. Aí o pessoal retrucou: “Não; vocês disseram que nós éramos livres. E nós somos acostumados a ser livres. Então fizemos nossa proposta de acordo com o que a gente pensa”. E eles responderam: “Mas o dinheiro é nosso. E o nosso dinheiro só serve para dar cursos dentro do sindicato”. Aí o que aconteceu? Todo mundo que estava naquela reunião e fazia parte do Movimento — inclusive pessoas que fechavam com a oposição sindical — se reuniu e disse: “Nós recusamos esse dinheiro. Nós não vamos vender a nossa liberdade para ninguém”.

Então, em nome da liberdade, houve aquela união das pessoas do Movimento e um rompimento, embora algumas pessoas continuassem na oposição. Isso fica como exemplo de como são os espaços que unem o Movimento. E a liberdade de você atuar, de você conseguir fazer o que você quer é uma conquista da “unidade” do Movimento. Unidade entendida dentro deste contexto, não no sentido de uma linha única. Por isso a palavra juntar é melhor. Unidade, não. O juntar do Movimento se dá na liberdade, se dá no entramelamento dos espaços, se por isso a palavra juntar é melhor. Unidade, não. O juntar do Movimento, que é muito cioso da sua noção de liberdade. Mesmo as pessoas que pensam diferente entre si não abrem mão desta caminhada de liberdade. O exemplo da oposição sindical foi muito refletido. Na hora da discussão do conteúdo haviam diferenças porque tinham pessoas que pensavam como a oposição e outras não. Mas na hora de organizar com autoritarismo ninguém permitiu. Se passou a ter ojeriza ao autoritarismo dentro do Movimento. Passou a ser uma coisa que as pessoas não engolem mais porque tiveram a experiência de costurar o Movimento com suas próprias mãos, com suas cabeças e seus corações.

Essas conquistas do Movimento, essas modificações, essa liberdade acontecendo, foi permitindo a formação de pensamentos, de linhas de pensamento. Na verdade são diversos pensamentos, mas você nota que pode identificar grupos com pensamentos parecidos. E o Movimento permitiu isso. Então foram surgindo com clareza essas linhas.

Elas já existiam. Mas não existiam enquanto linhas pensadas, discutidas, defendidas e com liberdade de atuar. Que linhas são essas? Embora na dinâmica do Movimento não se dê assim, podemos, de forma didática, para facilitar a compreensão do leitor, resumi-las em três.

Uma linha de pensamento privilegia a atuação dentro das instituições, principalmente do sindicato. Essa atuação coloca alguns temas

como centrais, por exemplo, as pessoas se unirem para lutar pela posse da terra, pela constituinte, etc. Isso, às vezes, se concretiza numa atuação junto à oposição sindical; outras vezes se dá numa forma de trabalho nas comunidades. Essa atuação se dá em torno de bandeiras políticas. Por isso é que no Movimento vai surgir uma discussão intensa sobre bandeiras; uma crítica e uma defesa. Gente que defende as bandeiras, outros que acham que as bandeiras passam a ser também uma opressão, passam a ser uma coisa que exclui as outras, passam a ser uma coisa já dada e que não permite uma conquista constante, do Movimento, dentro da própria realidade. Essa linha é clara e as pessoas vão atuar dentro do sindicato, ou dentro das comunidades nas chamadas "questões políticas", fazendo — em alguns casos — alianças com pessoas ligadas a partidos políticos.

Uma outra linha gira em torno da comunidade. Não participa de sindicato, ou outras coisas, fica na defesa da comunidade. Essa linha está mais ligada à pastoral da Igreja. Para ela o importante é reformar as comunidades, é juntar essas comunidades para reivindicar, para lutar. É uma linha que se restringe à formação de comunidades. A luta pela preservação da comunidade é o mais importante.

Uma terceira linha se caracteriza por uma constante busca de mudança na realidade, por não ter bandeira centralizada e por fazer novas experiências. Essa linha, por exemplo, coloca muito as questões da individualidade e do coletivo, as questões de criação, de liberdade e responsabilidade. É uma linha que coloca muito que não há um objetivo prefixado a ser alcançado; que o principal são as transformações que você faz no aqui e no agora. O principal são as mudanças que você vai imprimindo nas relações. É uma linha que se preocupa muito em não reproduzir, no seu grupo, o sistema autoritário ou as relações do sistema autoritário. O seu objetivo é buscar a transformação das relações. Mesmo reconhecendo a exploração, mesmo reconhecendo tudo aquilo que o sistema social coloca como impeditivo a uma transformação, eles colocam o sonho como uma coisa importante. Você pode sentir as modificações e a subversão das relações no aqui e no agora.

Independente das diferenças das linhas de pensamento, todos assumem integralmente o Movimento à medida que as necessidades surgem. Quando nós resolvemos sair de Sobral, mudar, até alguns serviços burocráticos que fazíamos foram assumidos pelo pessoal. Algumas pessoas tomaram a iniciativa, se juntaram e se preocuparam com a questão de como dar andamento à Secretaria. Era uma coisa que eles não podiam fazer pessoalmente. Então como fazer? A secretaria é importante porque distribui o material produzido por eles mesmos. Como assumir o programa de rádio, onde eu era o locutor? Como dar anda-

mento aos encontros gerais, quem ia se responsabilizar? E outras coisas. O pessoal se reuniu e formou um grupo para isso. Deram o nome de "grupo central". Esse grupo foi formado em uma situação de emergência, numa reunião da Nata, com cerca de 60 pessoas, e foi referendado. Esse grupo não é de decisão mas de execução. Ele executa esse trabalho burocrático porque é impossível 60 pessoas trabalharem nisso. Então a Nata aprovou esse grupo; achou que alguém tinha que mover todo esse processo de secretaria. Este grupo conta com a ajuda de dois secretários. Os projetos de pedido de financiamento às agências de cooperação internacional também já vinham sendo feitos por esse grupo de camponeses. Agora já tem uma mudança que acho interessante de colocar. O grupo não quer ficar proprietário de uma coisa, não quer ser especialista; então já está desafiando outros. Tem pessoas que não pertencem ao grupo, mas que sabem fazer projetos porque aprenderam em outras instituições, que estão sendo chamadas para participar. Então ficou essa organização no Movimento e eles conseguiram resolver um problema difícilíssimo, que é o problema da burocracia. A secretaria executa e eles só orientam. Agora tudo no Movimento é por conta dos camponeses.

Um deles disse assim: antes a gente precisava de alguém de fora aqui dentro do Movimento para incentivar. Hoje não precisamos de ninguém de fora. A estrutura está montada, caminha muito bem. Hoje mudou. Nós precisamos de ajuda, mas não de alguém morando aqui. Precisamos de ajuda e não só financeira. Mas ajuda de debate, de idéias. Esse tipo de ajuda. Essa foi uma modificação que a realidade imprimiu.

Recentemente criou-se um grupo que está sendo muito importante para o Movimento. Antes os grupos nasciam por paróquias ou por afinidades, mas sempre para responder a uma necessidade da realidade. Esse grupo nasceu: primeiro, por as pessoas serem amigas; segundo, para responder a uma necessidade das pessoas. Elas já participavam de muitas coisas, mas queriam um lugar para desenvolver as suas idéias, sua linha de pensamento. Então juntaram-se essas pessoas que têm uma linha parecida e formaram o "grupo livre". São seis pessoas preocupadas em divulgar as suas idéias para o Movimento como contribuição para o debate. Esse grupo vem produzindo muitas discussões: sobre liberdade, responsabilidade, coletivo... E é um grupo que se forma no sentido de construir o seu próprio pensamento e jogar esse pensamento para fora. Essa foi a novidade que ocorreu logo após a nossa saída de Sobral.

O mais importante de tudo é a coexistência destas linhas com a liberdade de poder criar e atuar. Essas linhas têm a responsabilidade, dentro do Movimento, de o fazerem andar, de o assumirem integral-

mente. Essa está sendo a discussão atual: essas linhas podem existir independentes, mas têm que conviver com as suas diferenças. "Porque os temas são comuns, os pensamentos é que são diferentes. E tem que ter um amor pela casa que se chama Movimento". Então toda pessoa, independente do seu pensamento, é responsável pelo Movimento. Daí a discussão, atualíssima, da liberdade e da responsabilidade. Alguém levantou o seguinte perigo: "Se essas linhas ficarem cada uma na sua, vai criando uma vaidade nas pessoas, uma verdade. Coisa que tanto criticamos. Cada um fica na sua porque chegou a seu posicionamento e abandona a casa que permitiu inclusive esse ato de liberdade, de você poder dentro do espaço de uma instituição pensar diferentemente". Então a discussão agora é existir a diferença com responsabilidade da casa.

E outra coisa comum a essas linhas, coisa que ninguém abre mão, é o seguinte: pensamos diferente mas a amizade que conquistamos — também palavra dos camponeses — não vendemos, não damos, não trocamos. Ninguém nos tira. Nem Governo, nem doutor, nem político, nem oposição e nem situação.

Notas

1. Essa noção de autonomia permeava todo o trabalho, mas a estrutura organizativa do Movimento refletia a mesma divisão da diocese. No início as comunidades surgiram voltadas para a celebração do culto dominical. Como um padre não podia dar assistência a toda uma paróquia, um lavrador, escolhido pela comunidade, se constituía no dirigente do culto. Aos domingos ele reunia o povo, lia as leituras da Bíblia referentes àquele dia e comentava o seu significado. Não havia comunhão, apenas, na linguagem da Igreja, a celebração da palavra de Deus.

Cada comunidade tinha o seu dirigente. Como a diocese, também o Movimento dividia-se em paróquias. Cada paróquia, reunindo todos os dirigentes de comunidades daquele lugar, elegia o seu assessor paroquial que iria ser uma espécie de coordenador dos trabalhos naquela região, responsável, inclusive, pela organização dos encontros paroquiais. De tempos em tempos procedia-se a nova eleição e escolhia-se novo assessor. Quatro ou seis paróquias reunidas formavam um zonal, que por sua vez também elegia um assessor zonal. Este visitava as paróquias conversando com os dirigentes e procurando sentir o trabalho.

Além disso tinha a Coordenação, formada por três homens e três mulheres camponeses, escolhidos pela equipe, para juntos pensar o

Movimento. A Coordenação não viajava, não tinha por função visitar as comunidades. Era mais um ponto de apoio para a equipe poder pensar com os pés mais no chão. A coordenação se reunia com a equipe, por exemplo, para preparar o Encontro, que era um encontro anual de revisão e planejamento do trabalho, bem como para refletir determinadas questões como os programas de rádio ou outro tema que estivesse em pauta. A idéia da coordenação era também estimular que algumas pessoas (no caso, os membros da coordenação) fossem visualizando o Movimento no seu todo, com suas complexidades, e não se limitasse apenas aos problemas da sua comunidade.

A participação da mulher na coordenação foi por muito tempo formal. Como em cada comunidade havia um dirigente e uma orientadora que ajudava na celebração do culto, também na coordenação se repetia essa paridade entre homens e mulheres. Mas o que se observava é que mesmo estimulando essa igualdade a mulher participava muito pouco e o motivo, a meu ver, era porque se baseava num conceito de igualdade que tínhamos em mente e não na conquista da mulher por esse direito, como mais tarde ocorreu.

Durante mais de dez anos o Movimento contou, na sua equipe, com apenas duas pessoas: um padre e uma leiga. Com a nossa chegada, em 76, a equipe aumentou para quatro pessoas. Esse reduzido número de pessoas de classe média, atuando num trabalho tão extenso, nunca foi empecilho, pelo contrário, fazia parte de uma estratégia que privilegiava a participação dos lavradores no controle do trabalho.

Toda essa estrutura organizativa se movimentava com autonomia em relação à equipe. Os lavradores fundavam comunidades, marcavam reuniões, escolhiam seus assessores e sustentavam financeiramente seus encontros. Mas essa estrutura refletia, ainda, um modelo de organização hierarquizada que, no dizer de um camponês, se assemelhava "às repartições do governo que tem os mandões e os mandados". Isso porque a posição de dirigente, assessor (zonal ou paroquial) e coordenador representava um certo status em relação às bases. Qualquer contato da equipe com as bases passava, necessariamente, por essas pessoas. Mesmo os padres das paróquias consultavam esses "representantes do povo" quando queriam promover alguma atividade. Também nas reuniões diocesanas que envolviam padre, bispo, religiosas e leigos, o Movimento era representado pelos dirigentes, assessores ou a coordenação.

2. Logo que eu cheguei em Sobral comecei a trabalhar como locutor. E animava muito o programa com brincadeiras. Eu acho essas brincadeiras de fundamental importância porque se brincava com os elementos do próprio povo, com os elementos culturais do povo: é o urubu, o sapo caruru, o bode que espirra, o juá... O pessoal gostava muito. Enquanto outra pessoa lia 5 cartas, eu lia 2. Isso porque eu lia, repisava, destacava uma frase, brincava. Segundo os lavradores, esse repetir, repisar, é importante para fixar o conteúdo de cada carta. Eu sou um sujeito conhecido pela animação, pela brincadeira: "urubu voa de costas", "o bom malandro não berra"... Eu falava com essa animação o nome da pessoa que escrevia a carta ou que aparecia no programa. Isso é importante num programa popular. Mas isso eu não estava inventando nada, em todo o programa do sertão se faz assim.

A questão da linguagem popular, que se procurou estimular e preservar através dos programas, é um dado interessante. Como cada pessoa tinha liberdade de escrever o que e como quisesse, de repente nós vimos o programa ser invadido pelas mais variadas formas de expressar um pensamento: versos, parábolas, ditados, sonhos, histórias, análises, mensagens, etc. E tudo isso entremeado com boi, bode, peixe, sapo caruru, calango, rato, passarinho, milho, feijão, melancia, maxixe, melão de São Caetano, juá, etc.

Essa linguagem própria que os camponeses desenvolveram foi uma incrível barreira criada para os ouvidos menos apurados. O pessoal comentava que o programa era ouvido também nas cidades do interior, nas farmácias, e até pelos fazendeiros. Mas estes últimos pouco entendiam do real significado do que se dizia e muitos se aborreciam com este programa, que só falava de coisas sem importância.

Os programas também fomentavam debates, o rádio desafiava as pessoas a pensar. Quando as pessoas iam a Sobral, para resolver qualquer coisa, elas iam para o rádio debater. Isso fazia com que elas desasnassem ainda mais, porque aí, de repente, o rádio não era mais um mito. Naquele programa se conversava mesmo. Às vezes, quando o pessoal passava por Sobral para ir a um encontro na Meruoca, iam 13, 15 caras para falar no rádio. Todo mundo queria falar, até para quebrar o medo. Às vezes tinha gente tremendo, mas ia e falava, se comunicava.

As pessoas que escreviam para o programa pediam uma resposta à sua carta. E a resposta vinha. Uma ou duas semanas depois, chegavam cartas respondendo à tal carta e isso gerava um debate que a

gente estimulava. De repente, por exemplo, vinham duas, três cartas. A gente separava cada uma, lia e dizia: "Esse fulano tem tal opinião", "sicrano tem outra" e "esse tem outra". E eu separava isso em três linhas diferentes e desafiava o pessoal a uma quarta posição ou então a comentar as três. O rádio estimulou muito isso, o não eliminar, o preservar as diversas opiniões e debatê-las, estudar as opiniões.

3. Os cursos eram feitos da seguinte maneira: a equipe escolhia um texto da Bíblia, ou tirado de um livro de História do Brasil, e fornecia ao pessoal. Os lavradores liam e se reuniam em grupinhos para conversar. Usava-se muito os grupinhos porque no plenário era mais difícil o pessoal falar. Nos grupinhos só de lavradores eles se soltavam mais. De volta ao plenário, cada pessoa ou grupo dizia o que tinha entendido. Aí a equipe via em que pé estavam as discussões e colocava uma nova questão para aprofundar o debate. E eles tornavam a se reunir. O importante era estimular o debate, fazer com que se expressassem as diversas opiniões e, no embate dessas opiniões, clarear as posições. Com isso as pessoas começaram a perceber que tinham uma posição, que eram capazes de discutir, de discordar, de interpretar a seu modo e de criar.

Nesses cursos, havia também um horário: tempo de iniciar e terminar o trabalho, o almoço, a merenda, o jantar e, à noite, depois de terminados os trabalhos, tinham as brincadeiras. Essas brincadeiras, no início, eram iguais em todos os encontros. Era um tipo de diversão para estimular a dinâmica do grupo, uma participação para desarmar o pessoal. Depois de passados uns anos, o pessoal criou as suas próprias brincadeiras, inventadas por eles mesmos.

Logo no início desses cursos eram sempre feitos relatórios que eram arquivados. Então havia um certo privilégio da escrita. Na hora do curso todo mundo falava, mas o relator era escolhido entre os que sabiam escrever. Isso é interessante notar porque geralmente este relator era um cara jovem que tinha feito o curso do MEB, que tinha uma certa escolarização. O mesmo vai ocorrer com a escolha do dirigente, porque o dirigente também precisava ler.

A metodologia aplicada na época era a do "ver, julgar e agir". Você primeiro tinha que reconhecer os problemas que estavam ocorrendo. Depois você analisava, fazia o julgamento. E depois o planejamento, a ação. Por isso nesse tempo o encontro geral do Movimento, o Encontro, era sempre um encontro de revisão e planejamento.

Esses cursos, no dizer engraçado do pessoal, foram dados em todo "toco de pau". Em toda biboca, em todo mato, foram dados milhares de cursos para provocar no Movimento o aparecimento de novas pessoas e novos líderes. Para quebrar, de certa forma, o poder do dirigente único. Isso também vai dar, lá na frente, uma mudança na organização da comunidade. Isso vai propiciar, vai ser um embrião de transformação.

Glossário

AROEIRA — árvore com propriedades medicinais, cuja madeira é muito forte.

BATER ROUPA — lavar roupa na beira dos açudes e rios.

BODEGA — pequeno armazém que também vende cachaça.

CAGECE — Companhia de Abastecimento de Água do Estado do Ceará.

CONTAMINAR — usado numa acepção positiva de contagiar, de expandir.

DESARNAR — o mesmo que desasnar. O cearense usa muito este termo. Significa você perder a timidez, se soltar.

DONS (plural de dom) — usado no sentido de qualidades inatas, próprias de cada pessoa.

LIVRO, LIVRINHO — pequeno caderno, com uma média de 6 folhas, em papel e formato semelhante aos dos “poemas de cordel” vendidos nas feiras do Nordeste.

MOVIMENTO — nome abreviado do “Movimento do Dia do Senhor”.

TAPIOCA — alimento muito usado no Ceará, feito de goma da farinha de mandioca — em geral acompanha o café da manhã.

VESTIDO — termo usado na acepção de veste e não de vestimenta feminina.

CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR 11

Agora o mundo não é só o nosso lugar

GUSTAVO LYRA

Este é um depoimento de Gustavo Lyra, acerca de sua vivência, durante 10 anos, num trabalho com camponeses ligados ao Movimento do Dia do Senhor, no Ceará. Este depoimento, obtido através de várias horas de gravação, foi montado e revisto por Pedro Garcia e Regina Rocha. O trabalho consistiu em retirar do texto partes redundantes, juntar temas similares dispersos e ligá-los, dando nexos a esta junção. A riqueza deste relato se funda no fato de que os conceitos aqui tratados foram extraídos da prática do trabalho, privilegiando a percepção do camponês.

Coleção: Cadernos de Educação Popular:

- Nº 1 - Para Analisar Uma Prática de Educação Popular — Educação Popular: Um Depoimento — Beatriz Costa e Bernard von der Weid
- Nº 2 - Depoimento: Fala um Operário — Equipe do Nova
- Nº 3 - Conversando com os Agentes — Saber Popular/Educação Popular — Aída Bezerra e Pedro Benjamin Garcia
- Nº 4 - Só a Gente Que Vive e Que Sabe — O Que é a Seca — Equipe do Nova
- Nº 5 - Movimento dos Trabalhadores. Um Debate — Equipe do Nova
- Nº 6 - Do Fruto à Raiz — Zeca Tiago
- Nº 7 - Saúde e Educação Popular — Equipe do Nova
- Nº 8 - Alfabetização de Adultos — Equipe do Nova
- Nº 9 - O Trabalhador e a Produção Hoje — Equipe do Nova
- Nº 10 - MEB: Uma História de Muitos — Maria Aída B. Costa, Vera Jaccoud e Beatriz Costa



2565-8